

**UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL**

Janaina Mayumi Oshiro Ihara

**PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA: UMA POSSIBILIDADE DE ENGAJAMENTO DOS
ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO**

**São Caetano do Sul - SP
2025**

JANAINA MAYUMI OSHIRO IHARA

**PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA: UMA POSSIBILIDADE DE ENGAJAMENTO DOS
ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO**

**Trabalho Final de Curso apresentado ao
Programa de Pós-Graduação em Educação –
Mestrado Profissional – da Universidade
Municipal de São Caetano do Sul como
requisito parcial para a obtenção do título de
Mestre em Educação.**

**Área de concentração: Formação de
Professores e Gestores**

Orientador: Prof. Dr. Ivo Ribeiro de Sá

**São Caetano do Sul - SP
2025**

FICHA CATALOGRÁFICA

IHARA, Janaina Mayumi Oshiro

Planejamento participativo nas aulas de Educação Física: uma possibilidade de engajamento dos estudantes do ensino médio / Janaina Mayumi Oshiro Ihara – São Caetano do Sul – USCS, 2025.

102 p.

Orientador: Prof. Dr. Ivo Ribeiro de Sá

Dissertação (mestrado) – USCS, Universidade Municipal de São Caetano do Sul, Programa de Mestrado em Educação, 2025.

1.Educação Física. 2. Ensino Médio. 3. Planejamento Participativo. 4. Protagonismo Estudantil. 5. Práticas Pedagógicas.

Sá, Ivo Ribeiro de. II. Universidade Municipal de São Caetano do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

**Reitor da Universidade Municipal de São Caetano do Sul
Prof. Dr. Leandro Campi Prearo**

**Pró-reitora de Pós-Graduação e Pesquisa
Prof. Dr. Eduardo de Camargo Oliva**

**Gestão do Programa de Pós-Graduação em Educação
Profa. Dra. Ana Sílvia Moço Aparício**

Trabalho Final de Curso defendido e aprovado em 11/08/2025 pela Banca Examinadora constituída pelos(as) professores(as):

Prof. Dr. Ivo Ribeiro de Sá (Orientador - USCS)

Prof. Dr. Carlos Alexandre Felício Brito (USCS)

Profa. Dra. Neide de Aquino Noffs (PUC-SP)

Dedico esta pesquisa a todos os professores de Educação Física do Ensino Médio que, assim como eu, em algum momento se sentiram desmotivados diante dos desafios da prática docente. Que este trabalho seja uma fonte de inspiração e incentivo, contribuindo para a reflexão, a renovação e o fortalecimento de uma prática mais significativa, participativa e transformadora.

AGRADECIMENTOS

A Deus, minha eterna gratidão, por ter me sustentado, iluminado meus passos e fortalecido meu caminho durante todo esse processo. Sem Sua presença, cuidado e amor, essa conquista não seria possível.

Ao meu esposo, Leonardo, pelo amor, paciência, incentivo e apoio incondicional. Sua presença foi fundamental para que eu pudesse seguir firme, mesmo nos momentos de maior desafio. Obrigada por acreditar em mim, me motivar e caminhar ao meu lado todos os dias.

À minha mãe e, em memória, ao meu pai, que sempre foram exemplos de força, dedicação e amor. Desde muito cedo, vocês me ensinaram o valor do estudo, do esforço e da honestidade. Sempre me incentivaram a buscar conhecimento, a fazer cursos, a crescer e a não desistir dos meus sonhos. Com muito sacrifício, investiram na minha formação, oferecendo não apenas apoio financeiro, mas, principalmente, amor, palavras de incentivo e confiança no meu potencial. Carrego comigo, para sempre, a certeza de que essa conquista também é fruto de tudo que vocês semearam na minha vida.

À minha família, por todo o carinho, compreensão e palavras de encorajamento, que foram essenciais para que eu pudesse concluir essa etapa tão importante da minha vida acadêmica e profissional.

Aos meus colegas de trabalho, que, direta ou indiretamente, contribuíram com palavras de incentivo, apoio nas tarefas diárias e compreensão nos momentos em que precisei me ausentar para dedicar-me a este estudo.

Ao meu orientador, professor doutor Ivo Ribeiro de Sá, que, com sua orientação generosa, seu olhar atento e sua disponibilidade, contribuiu imensamente para o desenvolvimento deste trabalho. Agradeço não apenas pelos ensinamentos acadêmicos, mas também pela confiança, paciência e incentivo constantes, que foram fundamentais para que eu pudesse avançar com segurança e amadurecimento durante toda a pesquisa.

Aos meus alunos, que são fonte de inspiração diária. Cada interação, cada troca, cada desafio e cada conquista vivida com vocês fortaleceu minha convicção sobre a importância de construir uma Educação Física mais democrática, participativa e

significativa. Este trabalho é, também, resultado da escuta, das experiências e dos aprendizados que compartilhei com vocês.

Ao Colégio Universitário USCS, pela abertura, acolhida e por permitir que esta pesquisa fosse realizada em seu espaço escolar. Agradeço à gestão, aos profissionais e a toda comunidade escolar pela disponibilidade, apoio e colaboração, fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. Essa parceria foi essencial para que eu pudesse compreender, na prática, os desafios e as potencialidades do planejamento participativo na Educação Física, contribuindo diretamente para a construção deste estudo.

A cada pessoa que, de alguma forma, fez parte dessa caminhada, meu sincero e profundo agradecimento. Este trabalho carrega um pedaço de cada um de vocês.

“A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo.”

(Nelson Mandela)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender os fatores que podem influenciar o envolvimento dos estudantes do ensino médio nas aulas de Educação Física e busca discutir e aplicar um planejamento participativo e verificar os fatores que influenciaram o envolvimento dos estudantes. A pesquisa, de abordagem qualitativa e caracterizada como pesquisa-ação, foi realizada em um colégio do município de São Caetano do Sul, com 57 estudantes da 1ª série do ensino médio. Foram utilizados como instrumentos de coleta de dados um questionário diagnóstico, diário de campo e entrevistas. Os resultados evidenciam que, inicialmente, os alunos associavam a disciplina de Educação Física a uma prática restrita a esportes, momentos de lazer ou atividades livres sem mediação pedagógica, revelando uma compreensão limitada sobre seu papel formativo. A aplicação do planejamento participativo promoveu mudanças significativas na relação dos estudantes com a disciplina, favorecendo o desenvolvimento do protagonismo, da autonomia, do senso de pertencimento e de competências socioemocionais, como cooperação, empatia, respeito e responsabilidade coletiva. O processo revelou ainda que, ao serem ouvidos e envolvidos na construção das aulas, os alunos passaram a participar mais ativamente, a valorizar o espaço da Educação Física e a se sentirem corresponsáveis pelo processo de ensino e aprendizagem. Como resultado prático desta pesquisa, foi elaborado um Guia Pedagógico para o Planejamento Participativo nas Aulas de Educação Física no Ensino Médio, com o objetivo de subsidiar a prática docente, oferecendo orientações metodológicas, instrumentos e estratégias para a construção de aulas mais democráticas, inclusivas e alinhadas aos interesses dos estudantes. Conclui-se que o planejamento participativo é uma estratégia pedagógica potente e transformadora, capaz de ressignificar o ensino da Educação Física no ensino médio, tornando-o mais democrático, inclusivo, dialógico e significativo para os estudantes.

Palavras-chave: educação física; ensino médio; planejamento participativo; protagonismo estudantil; práticas pedagógicas.

ABSTRACT

This study aims to understand the factors that can influence the engagement of high school students in Physical Education classes. It seeks to discuss and apply participatory planning while identifying the elements that impacted student involvement. This qualitative research, characterized as action research, was conducted in a high school located in the municipality of São Caetano do Sul, with 57 first-year high school students. Data collection instruments included a diagnostic questionnaire, a field diary, and interviews. The results show that, initially, students associated Physical Education with practices limited to sports, leisure activities, or unstructured free time without pedagogical mediation, indicating a limited understanding of its educational role. The implementation of participatory planning brought significant changes to students' relationship with the subject, fostering the development of student protagonism, autonomy, a sense of belonging, and socio-emotional skills such as cooperation, empathy, respect, and collective responsibility. The process also revealed that, when students were heard and involved in the construction of lessons, they began to participate more actively, value the space of Physical Education, and feel co-responsible for the teaching and learning process. As a practical outcome of this research, a Pedagogical Guide for Participatory Planning in High School Physical Education Classes was developed, aiming to support teaching practices by offering methodological guidelines, tools, and strategies for building more democratic, inclusive classes that align with students' interests. It is concluded that participatory planning is a powerful and transformative pedagogical strategy capable of redefining Physical Education teaching in high school, making it more democratic, inclusive, dialogical, and meaningful for students.

Keywords: physical education; high school; participatory planning; student protagonism; pedagogical practices.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Tema, objetivo e perguntas do questionário diagnóstico.....	37
Quadro 2 – Entrevista	40
Quadro 3 – Temática percepção sobre a Educação Física.....	53
Quadro 4 – Temática participação e engajamento no Planejamento Participativo	53
Quadro 5 – Temática escolha dos conteúdos e metodologia.....	54
Quadro 6 – Temática trabalho em equipe e socialização.....	55
Quadro 7 – Temática impacto na aprendizagem e percepção sobre o componente curricular.....	56
Quadro 8 – Temática reflexão e continuidade.....	58

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
DCNEM	Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio
EF	Educação Física
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LDBNE	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PPP	Projeto Político Pedagógico
TALE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

MEMORIAL	16
1 INTRODUÇÃO	18
2 CONTEXTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA	20
2.1 Ensino médio e Educação Física	20
2.2 História da Educação Física dentro da escola	24
2.3 Significado da Educação Física para os alunos do ensino médio	27
2.4 Planejamento participativo	29
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	34
3.1 Campo de aplicação	35
3.2 Participantes da pesquisa	36
3.3 Instrumentos e procedimentos de produção de dados.....	37
4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE	42
4.1 Questionário diagnóstico	44
4.2 Diário de campo	47
4.3 Relação entre questionário diagnóstico e diário de campo	49
5 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	52
5.1 Unidades de registro	52
5.2 Categorização	59
5.2.1 Autonomia dos estudantes nas aulas de Educação Física	60
5.2.2 Percepções limitadas sobre o papel da Educação Física	60
5.2.3 Impacto do planejamento participativo na motivação e no engajamento dos estudantes.....	61
5.2.4 Valorização das relações sociais e do trabalho em grupo na Educação Física	61
5.2.5 Busca por aulas mais dinâmicas, diversificadas e significativas	61
6 ANÁLISE: QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO, DIÁRIO DE CAMPO E ENTREVISTA.....	63
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
8 PRODUTO EDUCACIONAL	67
REFERÊNCIAS	70
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE SONDAGEM	73
APÊNDICE B – RESPOSTAS DAS ENTREVISTAS	74

APÊNDICE C – GUIA PEDAGÓGICO PARA O PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO	88
ANEXO A – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE).....	93
ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....	95
ANEXO C – TERMO DE ANUÊNCIA.....	98
ANEXO D – VÍNCULO DA INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE.....	99

MEMORIAL

Desde muito jovem, o universo da prática corporal e do movimento sempre fez parte da minha vida. Minha infância foi marcada pela presença constante do esporte, que não apenas ocupava meu tempo, mas também moldava minha visão de mundo. Tive o privilégio de conviver com professores de Educação Física que foram verdadeiras inspirações, profissionais comprometidos, apaixonados pela educação, que despertaram em mim, ainda criança, o desejo de, um dia, também fazer a diferença na vida das pessoas por meio da educação.

Minha trajetória profissional no campo educacional teve início como professora de ginástica para os anos iniciais. Essa fase foi extremamente significativa, pois me proporcionou contato com crianças em pleno desenvolvimento, cheias de energia, criatividade e sede de aprender. Foi nesse período que pude consolidar minha paixão pela docência e compreender, na prática, a importância do papel do professor como mediador, incentivador e formador de valores.

No entanto, em 2020, um novo desafio surgiu na minha vida profissional: iniciei minha atuação no ensino médio. Até então, nunca havia trabalhado com essa faixa etária, o que, naturalmente, gerou inseguranças e apreensões. Adentrar esse novo espaço foi desafiador, principalmente por se tratar de um público que já se encontra em um estágio de desenvolvimento mais complexo, com demandas emocionais, sociais e acadêmicas bem diferentes daquelas a que eu estava habituada.

Ao mesmo tempo que foi desafiador, esse movimento também foi extremamente enriquecedor. Percebi que os jovens do ensino médio carregam muitas inquietações, questionamentos e, sobretudo, o desejo de serem ouvidos, de participarem e de se reconhecerem no processo educativo. Esse entendimento despertou em mim a necessidade de repensar minha prática, buscando caminhos que tornassem as aulas mais dialogadas, significativas e alinhadas às realidades e aos interesses desses estudantes.

Ao longo dessa caminhada, reafirmei a convicção de que a Educação Física escolar vai muito além da prática esportiva. Ela é um espaço potente de desenvolvimento humano, de construção de valores, de formação para a cidadania e de fortalecimento das relações interpessoais. Cada etapa dessa trajetória, desde os anos iniciais até o ensino médio, contribuiu diretamente para a minha formação

pessoal e profissional, solidificando minha identidade como educadora comprometida com uma educação mais democrática, inclusiva e transformadora.

Este memorial representa não apenas uma retrospectiva da minha caminhada, mas também o reconhecimento de que a construção do saber é um processo contínuo, coletivo e profundamente significativo.

1 INTRODUÇÃO

Educação Física durante seu processo histórico de construção passou por várias transformações no meio educacional. Inicialmente era considerada como uma atividade no currículo escolar. Com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) (Brasil, 1996), passa a ser considerada como componente curricular.

Entretanto, devido a esse histórico, ela parece ser vista pelos estudantes ainda como uma atividade desvinculada das preocupações educacionais e que os conteúdos tratados neste campo são de menor valor. Além disso, no ensino médio, o professor de Educação Física não conta com uma diretriz específica a seguir, ao contrário dos demais anos de ensino, nos quais a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelece os conteúdos a serem trabalhados (Kawashima; Moreira, 2020).

Com isso, o professor fica livre para escolher o que passar em suas aulas, priorizar algum esporte coletivo, tratar de temas na área da saúde, brincadeiras... Isso acaba sendo visto como uma desvalorização da área para alguns, sendo que essa área seria muito benéfica para a formação de um ser humano crítico, reflexivo e com autonomia (Kawashima; Moreira, 2020).

Para Kawashima e Moreira (2020), o grande objetivo da Educação Física no ensino médio é oportunizar ao estudante que ele vivencie diversas práticas esportivas, culturais e possa ter autonomia para escolher qual prática levará para a vida, em quaisquer ambientes, e que consiga viver bem em sociedade e consigo mesmo.

Para Santos, Fernandes e Ferreira (2018), a Educação Física é importantíssima para a formação integral do estudante, porém, com as mudanças que aconteceram, houve uma desvalorização, já que o ensino médio está mais voltado para a área técnica ou profissional.

Muitas vezes as aulas de Educação Física são vistas como as melhores aulas do colégio. Porém, para alguns alunos as aulas são como uma válvula de escape, o momento que não ficam em sala de aula, a hora que eles têm para extravasar a energia, até mesmo como a aula para “jogar bola”. As aulas de Educação Física são importantes para a formação integral do ser humano, mais do isso, as práticas vivenciadas podem ser levadas para a vida fora do contexto escolar. A cultura corporal que pode ser alcançada trará benefícios para a vida toda, os ganhos com a

socialização, pois as aulas costumam envolver os alunos e explorar a questão socioafetiva, o incentivo a praticar algum esporte ou método de treinamento e ter uma vida mais saudável e menos sedentária (Santos; Fernandes; Ferreira, 2018). Exposto isso, de que forma o Planejamento Participativo pode influenciar o envolvimento dos estudantes do ensino médio nas aulas de Educação Física?

Este estudo tem o objetivo de compreender os fatores que podem influenciar o envolvimento dos estudantes do ensino médio nas aulas de Educação Física. Além disso, busca discutir e aplicar um planejamento participativo e verificar os fatores que influenciaram o envolvimento dos estudantes.

De acordo com França (2019), as aulas de Educação Física no ensino médio costumam ser uma continuidade do ensino fundamental, a didática precária, a cultura do favorecimento do mais forte, entre outros motivos, levam à desmotivação dos estudantes do ensino médio, que poderiam estar mais engajados nas aulas de EF e isso pode causar um aumento significativo no número de pessoas sedentárias e com doenças crônicas. As aulas de Educação Física no ensino médio podem ser um fator que incentiva as pessoas a ter uma vida mais saudável através do esporte, das práticas corporais, dos treinamentos...

2 CONTEXTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

2.1 Ensino médio e Educação Física

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/96 (Brasil, 1996), constituiu a educação básica como um nível da educação nacional, definindo sua composição em três etapas: educação infantil, ensino fundamental e ensino médio. No dia 16 de fevereiro de 2017, foi aprovada a Lei n.º 13.415 (Brasil, 2017), que deu início a uma ampla reforma curricular no ensino médio brasileiro. Posteriormente, em 2018, foram homologadas a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o ensino médio (Brasil, 2018a) e as novas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM) (Brasil, 2018b). Essas mudanças visam reestruturar o último nível da educação básica no Brasil, buscando aprimorar e atualizar a formação oferecida aos estudantes. Com isso, alguns componentes curriculares perderam a obrigatoriedade, como é o caso da Educação Física.

A reestruturação do currículo do ensino médio, conforme o art. 10 das DCNEM (Brasil, 2018b) e o art. 4º da Lei n.º 13.415/2017, define que "o currículo do ensino médio será composto pela BNCC e por itinerários formativos" (Brasil, 2018a, p. 1). Isso significa que o ensino médio passará a ter duas etapas distintas: uma comum a todos os estudantes, baseada nos conteúdos estabelecidos pela BNCC, e uma segunda etapa diversificada, na qual o aluno escolherá uma área de conhecimento para aprofundar seus estudos. Com isso, a Educação Física deixa de ser um componente curricular obrigatório e pode ser incluída em um componente ou ofertada em alguma área de conhecimento.

A Educação Física (EF) faz parte da área de linguagens e suas tecnologias, que inclui a língua portuguesa, língua inglesa e artes, por conta de a EF se enquadrar como linguagem corporal. Além disso, com essas implicações, deixa de ser obrigatória, e pode ser apresentada nos itinerários formativos com "nomes" diferentes, por exemplo, consciência corporal. Isso faz com que não tenha a obrigatoriedade de ser um professor especialista (Educação Física) responsável pela disciplina, sendo possível um professor de artes assumir esse componente por se tratar da área de linguagens. Desse modo, o ensino do movimento corporal será prejudicado, já que os

conteúdos poderão ser abordados de maneira superficial ou com foco voltado para as artes e não para a Educação Física (Beltrão; Taffarel; Teixeira, 2020).

Além disso, segundo Jucá, Maldonado e Barreto (2023), após a aprovação e efetivação do Novo Ensino Médio, a EF perdeu espaço por não possuir saberes instrumentais que são cobrados nas avaliações que os estudantes fazem durante seu processo formativo, já que essas avaliações não cobram mais conhecimentos específicos e sim habilidades e competências. Dentro da BNCC, existem 7 competências e 28 habilidades previstas, após uma análise sobre as competências, verificou-se que apenas a competência 5 tem relação direta com a Educação Física (Beltrão; Taffarel; Teixeira, 2020).

5. Compreender os processos de produção e negociação de sentidos nas práticas corporais, reconhecendo-as e vivenciando-as como formas de expressão de valores e identidades, em uma perspectiva democrática e de respeito à diversidade. (Brasil, 2018a, p.490)

Essa competência se refere diretamente à Educação Física, pois torna clara sua relação com as práticas corporais, de forma que estas sejam significativas para os estudantes.

Já as competências 1 e 3 fazem referência de forma genérica, podendo associar a competência 1 com as aulas de EF que envolvam a análise de esportes, lutas, danças e jogos. A competência 3 pode estar relacionada com os esportes coletivos e os jogos, que permitem uma maior interação entre os participantes, valorizando a empatia, o bom convívio e o respeito:

1. Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo.

[...]

3. Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global. (Brasil, 2018a, p.490)

E as competências 2, 4, 6 e 7, não fazem referência à Educação Física:

2. Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza. [...]

4. Compreender as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, cultural, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo suas variedades e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza.

[...]

6. Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, exercendo protagonismo de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

7. Mobilizar práticas de linguagem no universo digital, considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas, para expandir as formas de produzir sentidos, de engajar-se em práticas autorais e coletivas, e de aprender a aprender nos campos da ciência, cultura, trabalho, informação e vida pessoal e coletiva. (Brasil, 2018a, p.490)

Apesar de Beltrão, Taffarel e Teixeira (2020) não relacionarem a competência de número 2 à área de Educação Física, podemos notar que, quando essa competência estabelece a formação integral como elemento constitutivo do sujeito, é possível relacioná-la com a EF, uma vez que, quando o ser humano é estimulado nas diferentes dimensões, os aspectos motores devem ser considerados no processo de formação do indivíduo.

Em relação à competência 4, na Educação Física o corpo é meio de comunicação e expressão. Assim como as línguas faladas ou escritas, a linguagem corporal reflete a diversidade cultural e social dos indivíduos. Ao considerar a variação nas formas de movimento e expressão corporal, como na dança, nos jogos e nas atividades esportivas, a EF promove a compreensão de que o corpo também é uma forma de linguagem, sensível ao contexto histórico e cultural de cada grupo.

A competência 6, fala sobre produções artísticas e culturais, dentro da BNCC a Educação Física possui o conteúdo de dança, que tem como objetivo o desenvolvimento físico e motor do aluno, trabalhando a coordenação motora, a consciência corporal, o ritmo e a expressão corporal, socialização e trabalho em grupo e o bem-estar físico e mental.

A competência 7 refere-se ao conhecimento científico e crítico. A Educação Física pode incorporar o pensamento científico para compreender o funcionamento do corpo humano durante a atividade física, isso inclui o estudo da fisiologia, o entendimento de como o corpo utiliza a energia durante a prática de exercícios físicos e a aplicação do conhecimento sobre biomecânica. Além disso, na competência 7 é possível fazer associação através da resolução de problemas e tomada de decisões estratégicas durante um jogo ou um esporte. Em esportes como o futebol, handebol e

em atividades cooperativas, o aluno é incentivado a usar o raciocínio lógico e crítico para tomar decisões rápidas e eficientes.

Quando se analisam as habilidades, é ainda mais complexo, já que apenas duas fazem referência à Educação Física sendo ambas vinculadas à competência 5:

(EM13LGG501) Selecionar e utilizar movimentos corporais de forma consciente e intencional para interagir socialmente em práticas corporais, de modo a estabelecer relações construtivas, empáticas, éticas e de respeito às diferenças.

[...]

(EM13LGG503) Vivenciar práticas corporais e significá-las em seu projeto de vida, como forma de autoconhecimento, autocuidado com o corpo e com a saúde, socialização e entretenimento. (Brasil, 2018a, p.495)

As habilidades se referem aos movimentos corporais, práticas corporais, saúde, socialização, temas que se relacionam com a Educação Física.

Outras 6 habilidades fazem menção à EF, direta ou genericamente:

(EM13LGG201) Utilizar as diversas linguagens (artísticas, corporais e verbais) em diferentes contextos, valorizando-as como fenômeno social, cultural, histórico, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso.

(EM13LGG202) Analisar interesses, relações de poder e perspectivas de mundo nos discursos das diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e verbais), compreendendo criticamente o modo como circulam, constituem-se e (re)produzem significação e ideologias.

(EM13LGG203) Analisar os diálogos e os processos de disputa por legitimidade nas práticas de linguagem e em suas produções (artísticas, corporais e verbais).

(EM13LGG204) Dialogar e produzir entendimento mútuo, nas diversas linguagens (artísticas, corporais e verbais), com vistas ao interesse comum pautado em princípios e valores de equidade assentados na democracia e nos Direitos Humanos. (Brasil, 2018a, p.492)

[...]

(EM13LGG301) Participar de processos de produção individual e colaborativa em diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais), levando em conta suas formas e seus funcionamentos, para produzir sentidos em diferentes contextos. (Brasil, 2018a, p.493)

[...]

(EM13LGG502) Analisar criticamente preconceitos, estereótipos e relações de poder presentes nas práticas corporais, adotando posicionamento contrário a qualquer manifestação de injustiça e desrespeito a direitos humanos e valores democráticos. (Brasil, 2018a, p.495)

Pode-se observar que grande parte dessas habilidades colocam a linguagem corporal como parte integrante, ou seja, tem relação com a Educação Física.

Além das habilidades já citadas, outras 20 presentes na BNCC estão associadas às linguagens e suas tecnologias e não foi possível relacionar com a Educação Física. Com isso, verifica-se que existem poucos vínculos entre a EF e as habilidades previstas pela BNCC (Beltrão; Taffarel; Teixeira, 2020).

Como referido anteriormente, a reforma educacional da Base Nacional Comum Curricular está mais voltada para as habilidades e competências. Com isso, a

Educação Física teve sua carga reduzida da formação comum de 3200 horas para no máximo 1800 horas. Em vários estados foi possível perceber a retirada gradual da EF, por exemplo o Espírito Santo é o estado mais avançado em sua retirada, possuindo apenas uma aula por semana; já o estado do Acre é o que mais possui aulas de EF durante o ensino médio; no estado de São Paulo são 2 aulas semanais na 1ª série e 2 aulas semanais na 3ª série. Com essa carga horária tão reduzida de aulas, os professores ficam com dificuldades em problematizar com profundidade as práticas corporais nas aulas, sendo o prejuízo irreparável para os estudantes: desde a diminuição da prática reflexivo-crítica produzida pela humanidade (que abrange questões históricas, fisiológicas, antropológicas, culturais, sociais, políticas e econômicas que falam das práticas corporais) até a diminuição ao acesso às manifestações da cultura corporal que trata do combate ao racismo, machismo, homofobia, xenofobia e discriminações no esporte, perdendo também a visão sobre saúde e exercício físico e outras demandas sociais necessárias (Jucá; Maldonado; Barreto, 2023).

2.2 História da Educação Física dentro da escola

O processo histórico da Educação Física tem início desde os primórdios da Antiguidade, sendo utilizada de acordo com as necessidades e interesses de cada período. A Grécia fazia uso da ginástica como forma de educação na sua sociedade, voltada para a boa formação do homem. Já os romanos faziam uso da ginástica para as questões cívicas e morais, com o intuito de preparar os homens para as guerras. Já no século XIX, algumas práticas corporais eram chamadas de Educação Física e começava-se a pensar em metodologias de ensino (Costa, 2015).

A Educação Física do século XIX seguia os ideais gregos na formação do homem, pois a educação nesse período histórico era voltada para a formação integral, com os aspectos intelectuais, morais e físicos sendo trabalhados em conjunto (Costa, 2015).

Com a industrialização a educação passou a ser sistematizada e a educação física começou a ser vista como forma de cuidado ao corpo. No Brasil, a educação física chegou com as influências europeias que utilizavam os métodos de ginástica (Costa, 2015).

Através da reforma Couto Ferraz, em 1851, a educação física tornou-se obrigatória nas escolas do município da Corte. As aulas eram voltadas para ginástica inspirada no militarismo. Houve alguns empecilhos na participação das aulas, já que os pais não eram tão a favor de algo que não fosse de caráter intelectual. Além disso, a participação das meninas era menor do que a dos meninos, para elas a tolerância era um pouco maior, pois a ginástica era associada com o militarismo (Lima, 2012).

No governo de Rui Barbosa, em 1880, ele defendeu a inclusão da ginástica em todas as escolas, além de colocar o professor de ginástica no mesmo patamar dos demais professores. Rui Barbosa destacava que era importante ter um corpo saudável para ter uma boa atividade intelectual (Lima, 2012).

De acordo com Lima (2012), no século XX, a educação física, ainda com o nome de ginástica, estava atrelada com as instituições militares e médicas, passou a ser obrigatória nos seguintes estados: Bahia, Pernambuco, Ceará, Distrito Federal, São Paulo e Minas Gerais. Nesse período a educação física estava associada com o desenvolvimento integral do ser humano e era inspirada nas metodologias europeias de ginástica (sueca, alemã e francesa), que tinham como foco os princípios biológicos e foi o primeiro método científico da educação física no Ocidente.

Na década de 30, o contexto histórico brasileiro estava associado às ideologias nazistas e fascistas, com isso o exército passou a ser o meio de comandar o ideal da educação física, que era uma mistura do patriotismo com a preparação militar. Depois, os objetivos se tornaram mais passíveis do contexto escolar que foram o higiênico e o de prevenção de doenças. Nessa época, a quantidade de pessoas qualificadas para ministrar as aulas de educação física eram pouquíssimas (Lima, 2012).

Em 1937, a educação física foi incluída pela primeira vez em uma Constituição Federal, tornando-se uma prática educativa obrigatória nas escolas, ao lado do ensino cívico e dos trabalhos manuais – embora ainda não fosse considerada uma disciplina curricular. A Constituição também previa o adestramento físico como uma forma de preparar os jovens para a defesa da nação. Nesse período, marcado pela urbanização, industrialização e pelo regime do Estado Novo, a educação física ganhou novos objetivos, como fortalecer a saúde dos trabalhadores, aumentar a capacidade produtiva e incentivar o espírito de cooperação (Lima, 2012).

Com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, em 1961, a educação física passou a ser obrigatória no ensino primário e médio, tornando-se mais

voltada para o esporte, tendo como base o método desportivo generalizado, que se opõe ao método de ginástica tradicional.

No ano de 1964, a educação, de maneira geral, passou por influências tecnicistas, ou seja, o ensino era voltado para a formação de mão de obra qualificada, foi quando se difundiu o ensino técnico. A educação física era vista como um desenvolvimento prático para o desenvolvimento técnico e físico do aluno (Lima, 2012).

Nos anos 70, os militares investiram na educação física com o foco na formação de seres humanos nacionalistas e que pensassem na segurança da nação. A educação física ganhou funções importantes para a nação, como manter a ordem e o progresso. A ideia dos militares era ter um exército jovem, forte e saudável. Nesse período, destaca-se a valorização do esporte para exaltar a nação, um exemplo foi a copa do mundo de 70 (Lima, 2012).

De acordo com Lima (2012), o ensino fundamental era estruturado com a iniciação esportiva como eixo principal, buscando identificar e desenvolver novos talentos para representar o Brasil em competições internacionais. Esse período adotou o "modelo piramidal", focado tanto na melhoria das habilidades físicas da população que vivia nas cidades quanto no incentivo à organização de eventos esportivos promovidos por entidades particulares. Esse modelo visava preparar atletas para o esporte de alto rendimento, com a seleção de competidores para competições em nível nacional e internacional.

Na década de 80, não obtiveram o resultado esperado. Não houve aumento no número de praticantes de esportes, nem a formação de um grupo de atletas para ir às competições. Com isso o esporte deixou de ser o foco nas aulas de educação física, diminuindo o papel da escola em formar atletas de alto rendimento e o foco das aulas passou a ser o desenvolvimento psicomotor do aluno (Lima, 2012).

De acordo com Lima (2012), aumentou o número de debates sobre como a educação física deveria ser ensinada na escola, graças ao desenvolvimento do campo científico, com a criação de cursos de especialização nessa área, com o retorno de docentes que estavam estudando no exterior, e com o desenvolvimento de estudos com publicações em revistas. Entre os temas discutidos estavam diferentes linhas de pensamento: uma que visava a questão biológica (com foco nos aspectos sociais, cognitivos, afetivos e no desenvolvimento integral do ser humano); outra voltada para

objetivos educacionais mais amplos (os conteúdos deveriam ser menos relacionados com o físico e mais diversificados e menos relacionados com o adestramento).

Com isso, a educação física na escola incorporou alguns aspectos da cultura corporal como os jogos, esportes, dança, ginástica e lutas. Atualmente as aulas de educação física são repletas de múltiplos conhecimentos produzidos e utilizados pela sociedade em relação ao movimento e ao corpo, com o objetivo de lazer, expressão de sentimentos, o que auxilia na promoção e recuperação da saúde, possibilitando a formação de um ser humano integral, com benefícios psicológicos e fisiológicos. Além disso, a educação física pode ser um meio de comunicação, expressão, lazer e cultura, ou seja, o aluno deve saber as regras, a técnica, a tática dos jogos e ir além, saber discutir, ser crítico, analisar e avaliar. A educação física na escola precisa garantir o acesso aos alunos às práticas corporais, incentivá-los a práticas e a serem críticos (Lima, 2012).

Surgiram vários estudos sobre as frentes da educação física, mas todas elas levam em consideração as várias articulações das dimensões dos seres humanos. Apesar de esse componente curricular ser essencial para a boa formação dos estudantes, a EF ainda é vista como “marginalizada” nas escolas, as aulas sendo empurradas para o contraturno ou como aula de menor importância perante as outras disciplinas (Lima, 2012).

2.3 Significado da Educação Física para os alunos do ensino médio

O significado da Educação Física para os alunos do ensino médio é construído a partir das experiências vivenciadas ao longo do percurso escolar. Para Aguiar e Ozella (2006), o significado é o que permite a comunicação e a socialização de nossas experiências. Os significados podem ser compartilhados e são socialmente articulados.

De acordo com Kawashima (2023), o significado da Educação Física para o aluno do ensino médio está diretamente ligado às experiências que ele teve até então. Se as aulas de EF são vistas apenas como recreação, práticas esportivas ou momentos em que não se aprende algo novo, isso indica que as práticas oferecidas até o momento não tiveram sentido ou relevância para o aluno. Nesse contexto, a autora destaca que "a legitimação da Educação Física no contexto escolar está atrelada à prática pedagógica do professor, que deve promover situações em que os

alunos possam estabelecer uma relação significativa com os saberes propostos" (Kawashima, 2018, p. 643). Assim, a prática pedagógica se torna essencial na construção de um significado positivo da Educação Física como componente curricular, proporcionando experiências que fomentem a criticidade e a reflexão.

Para que o aluno tenha uma visão diferente da Educação Física, é necessário que ele vivencie experiências contextualizadas e significativas, que acontecem através de uma prática pedagógica intencional, na qual o professor oferece conteúdos diversificados, a fim de torná-los sujeitos críticos e reflexivos, capazes de transformar a sociedade. Nesse sentido, Kawashima (2023) evidencia que os alunos possuem interesse em atividades que provoquem sensações novas, promovendo situações inéditas, compartilhamento de conhecimento e valorização das vivências. Esse processo modifica o sentido da aula de EF, tornando-a um espaço relevante para os alunos.

No estudo realizado por Kawashima (2023), foi comprovado que os alunos possuem interesse em atividades diferentes durante as aulas de Educação Física, que provoquem sensações novas. Isso faz com que mude o sentido da aula, já que elas trazem situações novas, compartilham conhecimento fazendo com os alunos se sintam valorizados e valorizem a atividade, passando a ser importante para eles.

Em uma pesquisa realizada através de um questionário por Da Silva *et al.* (2017), em uma escola localizada em São Paulo com 72 estudantes, as perguntas foram relacionadas à participação ou não dos alunos, quais conteúdos foram abordados nas aulas e podiam ser feitas sugestões para melhoria das aulas. Dos alunos participantes, 65 afirmaram participar das aulas e, entre os motivos de participarem, destaca-se o fato de as atividades serem agradáveis, ou as aulas permitirem momentos de relaxamento, além disso citaram os benefícios para a saúde; 3 alunos declararam participar às vezes das aulas e 11 estudantes afirmaram não participar das aulas, sendo que entre esses 14 estudantes, 12 são meninas. Entre as justificativas da não participação das aulas estão: vergonha, problemas de saúde e a forma como a aula é conduzida, sendo que vergonha foi o motivo que mais apareceu entre as justificativas. A visão positiva que os alunos mostraram ter sobre a EF estava associada a: diversão, prazer, jogos, exercícios, movimentos, saúde, condicionamento físico, emagrecimento e interação com os colegas. Já os pontos negativos demonstrados foram: formação de grupos (misturar meninos e meninas), o tempo/número de aula (acham pouco), aulas repetitivas, desagradáveis, competitivas,

discriminação e desinteresse/não participação. Quando se questionou qual o conteúdo de maior interesse dos estudantes, os esportes apareceram com maior frequência. Já os estudantes que afirmaram não participar das aulas, sugeriram que as aulas fossem de esportes específicos e que fossem abordados de forma mais detalhada assuntos que tratassem das relações interpessoais (foi possível identificar que alguns alunos não participam das aulas por não terem um bom relacionamento com os colegas) e outra parcela de alunos derão a sugestão de aulas com temas diferentes.

Com base nessa pesquisa é possível perceber que a Educação Física não é um componente curricular que tem total participação dos alunos. A justificativa pode estar relacionada com um modelo de educação que considera o estudante como sujeito passivo no processo de ensino e aprendizagem. Nesse modelo os alunos são considerados apenas como receptores de conhecimento, algo que está passando por transformações, possibilitando que estes também sejam protagonistas quando são escolhidos os conteúdos a serem trabalhados nas aulas. Em um ambiente escolar democrático existem pessoas dispostas a pensar, dialogar, refletir e planejar com a participação de todos.

2.4 Planejamento participativo

A definição da palavra participação se relaciona a tomar parte, entretanto, para que isso ocorra, segundo Schulz (2007), é necessário considerar aspectos do cotidiano, ou seja, para que haja participação se faz necessário que as pessoas se envolvam integralmente na situação. A todo momento participamos de alguma coisa, seja de uma aula na escola, de uma refeição em casa, de uma conversa entre amigos... A participação nada mais é do que algo que envolve a interação na sociedade. Em outras palavras, participação é a ação de algo que fazemos no nosso cotidiano com auxílio de outra pessoa (social) através de um tipo de linguagem, por isso que a participação é uma habilidade social.

No ambiente escolar essa habilidade precisa ser estimulada de maneira que se torne parte da rotina das relações entre alunos e professores. Com isso, é importante que haja uma interação entre professor e alunos para que ocorra uma participação mais efetiva dos educandos durante as aulas. Através da educação democrática, onde o aluno é mais ativo no processo de ensino e aprendizagem, o planejamento

participativo é um meio que possibilita a implementação da educação democrática dentro das escolas (Schulz, 2007).

Segundo Silva (2020), o planejamento é um meio que tem o poder de selecionar os conteúdos que serão estudados, organizando de forma direta ou indireta os conhecimentos em um contexto histórico. Apesar disso, a maior parte dos indivíduos que estão no ambiente escolar não auxiliam na elaboração do planejamento. Para alguns, ainda se tem a ideia de que os professores são os únicos que possuem conhecimento, porém a função de um professor é ser mediador, organizador e possibilitador de conhecimento para que os alunos tenham uma aprendizagem significativa, daí a importância de eles também contribuírem para a construção de uma sociedade que não seja tão excludente, com atitudes de criticidade e reflexivas.

Libâneo, Oliveira e Toschi (2012) discutem que o planejamento participativo é uma ferramenta eficiente para a gestão democrática dentro da escola e para o desenvolvimento de cidadãos críticos e ativos. O planejamento participativo é essencial para transformar a escola em um espaço democrático e inclusivo, promovendo o desenvolvimento de um projeto pedagógico que reflete as características e necessidades específicas de cada comunidade, com a participação de todos os que estão envolvidos no ambiente escolar. É importante que a participação seja ativa de todos os membros para assegurar que a escola atenda às reais necessidades de seus alunos. Com essa abordagem, a escola pode atender aos desafios contemporâneos e tornar-se uma instituição voltada à transformação social e ao fortalecimento da cidadania.

O planejamento participativo tira a ideia do currículo engessado. Dentro do contexto escolar, os indivíduos que estão presentes devem participar ativamente do processo de ensino e aprendizagem, auxiliando na elaboração do planejamento anual até o desenvolvimento das atividades. Um aspecto adicional relevante do planejamento participativo é o intercâmbio de conhecimentos entre os indivíduos que estão envolvidos, isso faz com que a aprendizagem seja uma via de mão dupla, já que aqueles que ensinam também aprendem. Ocorre, além disso, a descentralização do poder e do conhecimento. Ressalta-se que o planejamento participativo acontece em um ambiente democrático, por isso é essencial dialogar sobre esse tema (Silva, 2020).

A construção de um planejamento participativo com os estudantes e/ou outros indivíduos que fazem parte da escola é um grande desafio. Todos precisam saber

quais são os eixos temáticos da Base Nacional Comum Curricular, possuir um tempo hábil para discutir, desenvolver, analisar, refletir, avaliar e construir (Silva, 2020).

Segundo Souza e Freire (2008), aplicar a metodologia do planejamento participativo durante as aulas do ensino médio é significativo, já que geralmente essa faixa etária costuma não participar muito das aulas de Educação Física. Aproximar o aluno com a sua participação na construção do que será trabalhado na disciplina poderá estimular a sua participação nas aulas.

Correia (1996) realizou uma proposta de planejamento participativo, onde explicou o significado da Educação Física e apresentou possíveis temas a serem trabalhados. Após isso, os alunos podiam sugerir atividades que envolvessem dança, ginástica, jogos e lutas. Por exemplo, os alunos podiam sugerir os ritmos musicais com os quais gostariam de trabalhar ou os tipos de lutas de que mais gostavam. Os debates, discussões e a votação eram fundamentais para esse processo, pois é essencial a participação dos alunos. Após discutirem as atividades, os alunos entravam em debate novamente para distribuir as atividades durante os bimestres, dessa maneira já sabiam o que estaria previsto durante o ano letivo e participariam dessa escolha. Depois, eles elegiam monitores que iriam auxiliar o professor no planejamento das atividades durante o bimestre, os quais seriam responsáveis em ir atrás dos recursos necessários para realizar as atividades planejadas. Ao término de cada bimestre ocorriam avaliações e discussões sobre o próximo bimestre para que fossem realizadas as adaptações necessárias. As vantagens dessa proposta foram:

- Níveis satisfatórios de participação e motivação nas atividades propostas;
- Valorização do componente curricular por parte dos alunos e direção;
- Fortalecimento da relação entre professor e aluno, com destaque para uma percepção mais positiva dessa interação;
- Impacto do trabalho junto a outros grupos inicialmente não engajados, promovendo reflexões e redirecionamentos durante as reuniões pedagógicas;
- Redução da despersonalização dos estudantes, favorecida pela oportunidade de expressão individual proporcionada pelo caráter participativo da proposta.

Collier (2014) também realizou uma proposta de planejamento participativo. A autora tinha o objetivo de buscar uma alternativa pedagógica para as aulas, a fim de que o aluno deixasse de ser um indivíduo passivo e passasse a ser um cidadão participativo. Por meio da escolha e do planejamento dos conteúdos das aulas, o aluno

desenvolvia as atividades e realizava a avaliação, participando de uma vivência democrática e também sendo responsável pelas suas escolhas. O início do trabalho se deu com uma intervenção, na qual a professora explicou como seria o planejamento participativo, em seguida foram sugeridos temas que tinham relação com o projeto político pedagógico da escola, datas comemorativas ou eventos esportivos, após isso, foram sugeridas atividades pela professora e pelos alunos e ocorreu a votação para saber qual atividade seria realizada naquele dia. Desse modo, os alunos começaram a ter o costume de sugerir as atividades, o planejamento passou a ser feito mensalmente e por bimestre. Importante ressaltar que, como em qualquer outro planejamento, nessa forma de trabalho também pode haver modificações, desde que sejam tratadas e aceitas pelos alunos. Nesse estudo, a autora valoriza a autoavaliação, propondo ao aluno que reflita sobre a sua participação.

Outro relato sobre planejamento participativo foi em uma escola estadual na cidade de Guarulhos, nos anos de 2013 e 2014, o objetivo do programa era aproximar os alunos dessa comunidade com as necessidades que possuíam e construir novos significados para a Educação Física. Segundo Gomes (2014), no ano de 2012, o autor seguiu todos os conteúdos programados para o ano, porém, algumas inquietações foram surgindo sobre o papel do professor e a autonomia do aluno. O planejamento participativo foi realizado com turmas do ensino médio. A princípio os alunos estranharam a situação, mas logo mostraram-se empolgados. O professor iniciou a atividade solicitando que cada aluno escrevesse o tema que gostaria de estudar e que justificasse a escolha. Depois da leitura de cada texto, o professor tabulou os resultados para realizar uma votação, onde todos os temas foram contemplados, independentemente de quantas pessoas tivessem escolhido aquele conteúdo. O resultado da votação foi: skate, futebol, dança e tênis. Antes de iniciarem as atividades práticas foram feitas discussões sobre os temas (processo histórico, marcadores sociais, mídia, tema...). As aulas não eram apenas práticas, foram desenvolvidas atividades em que os alunos realizaram entrevistas, pesquisas, apresentações, videoaulas, entre outros recursos. É importante salientar que as aulas de Educação Física não são apenas práticas, existe todo um contexto teórico que deve ser estudado também. Ao final de cada bimestre foi realizada uma avaliação, em que os alunos davam o seu feedback, houve várias devolutivas positivas, nas quais os alunos valorizaram a Educação Física, se mostraram mais participativos nas aulas,

apontaram novos significados sobre as aulas práticas e comentaram sobre as associações que fizeram com as aulas teóricas (Gomes, 2014).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste momento, apresentamos as ações que deram suporte para a efetivação da pesquisa. A pesquisa realizada foi qualitativa, por realizar uma discussão sobre a prática pedagógica no ensino médio a partir do envolvimento dos estudantes desse nível de ensino nas aulas de Educação Física. Para isso, foi feita a observação das atitudes de um grupo de estudantes da 1ª série do ensino médio quando participavam das aulas (Gil, 2019).

Tratou-se também de uma pesquisa aplicada, já que foi feita uma pesquisa científica buscando novos conhecimentos e a solução de um problema. A pesquisa foi exploratória, pois, segundo Gil (2019), visou proporcionar maior familiaridade com o problema para torná-lo mais explícito, para adquirir mais informações sobre o assunto investigado. O planejamento deste tipo de pesquisa pode ser mais flexível, uma vez que o interesse é considerar os aspectos relativos ao fato ou fenômeno estudado. Além disso, foi feito um levantamento bibliográfico com o uso das palavras-chave educação física, ensino médio e prática docente, na plataforma publish or perish, o critério de inclusão foram artigos de 2018 a 2023.

Além disso, foi uma pesquisa-ação, um tipo de pesquisa social com base empírica, cujo intuito é solucionar um problema coletivo por meio de uma intervenção, através de uma ação planejada de caráter educacional. A pesquisa-ação busca facilitar a solução de problemas reais quando os métodos tradicionais de ensino não estão contribuindo, por isso é importante que os participantes tenham voz e vez (falem e façam), e o pesquisador participe de forma ativa no equacionamento dos problemas, no acompanhamento e na avaliação das ações com o cuidado para não intervir ativamente, apenas mediando a situação. Como o problema da pesquisa traz a questão de os estudantes do ensino médio estarem cada vez menos participativos nas aulas de Educação Física, a pesquisa-ação é uma metodologia que conversa com a ação proposta, no caso, o planejamento participativo. Com esta intervenção buscamos a participação dos estudantes durante as aulas de Educação Física, a colaboração dos mesmos, uma reflexão sobre as aulas e a integração do conhecimento com a ação, assim solucionando um problema prático da realidade (Thiollent, 1986).

Os participantes preencheram e assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) (Anexo A) e os seus responsáveis o Registro de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo B), onde os estudantes podem ou não aceitar participar da pesquisa e esse termo assegura aos alunos que as informações obtidas não serão divulgadas.

O estudo possuiu riscos mínimos aos participantes, pois não envolveu procedimentos invasivos. Os participantes poderiam a qualquer tempo desistir de prestar a sua contribuição. Coube esclarecer que seria possível ocorrer algum tipo de desconforto relacionado a questões psicológicas ou morais, nesse sentido seria garantido ao participante solicitar que a coleta de dados fosse interrompida e que fosse suprimido seu depoimento dos dados considerados para a pesquisa.

3.1 Campo de aplicação

A pesquisa foi conduzida em um colégio do município de São Caetano do Sul que oferece formação no ensino médio. Esse colégio, uma autarquia municipal, é vinculado à Universidade Municipal de São Caetano do Sul, também situada na cidade. São Caetano do Sul, localizada no estado de São Paulo, possui uma área de aproximadamente 15,331 km² e uma população de 162.763 habitantes (IBGE, 2021).

O colégio onde foi realizada a pesquisa foi fundado no ano de 2019, pela Lei Municipal nº 5.699 de 26 de novembro de 2018, como uma escola de educação básica, que oferece ensino médio. Inicialmente o colégio possuía 800 vagas distribuídas entre os três anos, atualmente temos mais de 1700 alunos, sendo 19 turmas de 1ª séries, 14 turmas de 2ª séries e 20 turmas de 3ª séries.

A gestão do colégio é formada por 1 diretor, 1 vice-diretor pedagógico, 1 vice-diretor administrativo e 2 coordenadores pedagógicos, sendo um responsável pelas necessidades que envolvem os estudantes e o outro responsável pelas necessidades que envolvem os docentes, também possui 4 coordenadores de áreas (matemática, linguagens, ciências humanas e ciências da natureza).

Os princípios que orientam o Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição é oferecer um alto padrão de ensino em uma abordagem educacional inovadora direcionada para o desenvolvimento de alunos e professores, de acordo com a Base Nacional Curricular (BNCC); promover a capacidade de pesquisas; desenvolver as competências para continuar aprendendo de maneira autônoma e crítica; proporcionar

intercâmbios culturais, científicos e pedagógicos com a Universidade Municipal de São Caetano do Sul. O Colégio Universitário USCS adota uma concepção construtivista, com base nas teorias cognitivas de Vygotsky e Piaget, por acreditar que essa concepção possibilita colocar o aluno como peça central do processo de ensino e aprendizagem, de forma que ele possa passar de agente passivo para agente ativo e participativo de todo o processo, o que contribui para a construção do conhecimento, priorizando a aprendizagem significativa, na qual o estudante é protagonista das ações. Dessa maneira, o Colégio Universitário USCS busca novos caminhos e novas metodologias de ensino que foquem no aluno como protagonista, favorecendo a motivação e a criação de um ambiente saudável à aprendizagem, segundo o Projeto Político Pedagógico do Colégio Universitário USCS (2024).

3.2 Participantes da pesquisa

Como o objeto da investigação eram as práticas pedagógicas realizadas nas aulas de Educação Física na perspectiva de envolvimento dos alunos nas atividades desenvolvidas, foram convidados a participar deste estudo 57 estudantes, tanto do sexo feminino como do sexo masculino, de 2 turmas da 1ª série do ensino médio, com a faixa etária em torno dos 15 a 16 anos. O convite foi feito pela professora-pesquisadora durante as aulas de Educação Física que fazem parte da grade curricular. Fizeram parte deste estudo os alunos que aceitaram participar através do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) (Anexo A) e, por se tratar de uma pesquisa que envolve menores de idade, foi necessário que os responsáveis aceitassem a sua participação, através do Registro de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo B) que foi assinado pelos responsáveis. A escolha foi associada ao fato de a professora-pesquisadora ministrar aulas para essas turmas, buscando compreender como o estudante do ensino médio entende a importância das aulas de Educação Física.

Os participantes foram selecionados para o estudo a partir dos seguintes critérios: 1) cursar a 1ª série do ensino médio; 2) frequentar as aulas de Educação Física; 3) assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE). Os critérios de exclusão foram: 1) não estar cursando a 1ª série do ensino médio; 2) ausência do estudante no dia da

aplicação da pesquisa; 3) não ter assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo Assentimento Livre e Esclarecido (TALE).

A escolha dos sujeitos buscou provocar reflexões sobre a conduta e a participação dos mesmos nas aulas de Educação Física.

Esta pesquisa teve total anuência da direção do Colégio (Anexo C), que permitiu realizar todo seu processo. Além disso, a direção recebeu a carta de apresentação e autorização – Vínculo da Instituição Coparticipante (Anexo D), com a explicação dos objetivos da pesquisa e de todos os procedimentos de coleta de dados.

3.3 Instrumentos e procedimentos de produção de dados

Para obter os dados necessários, a pesquisa foi dividida em 4 partes, a primeira parte teve o objetivo de identificar o conhecimento prévio que os alunos de duas turmas da 1ª série do ensino médio possuíam sobre a disciplina de Educação Física. Essa parte foi realizada na sala de aula do colégio, durante as aulas de Educação Física que ocorreram no período da manhã e aconteceu por meio de um questionário diagnóstico.

Para o diagnóstico foram considerados alguns temas presentes na revisão teórica realizada neste estudo: O sentido que a área tem para os estudantes; Histórico pessoal sobre a vivência dos estudantes; Percepção dos estudantes sobre as aulas de EF; Envolvimento dos estudantes nas aulas de EF.

O Quadro 1, abaixo, relaciona as perguntas do questionário diagnóstico com o seu objetivo e o tema :

Quadro 1 – Tema, objetivo e perguntas do questionário diagnóstico

Tema	Objetivo	Pergunta
Sentido da Educação Física	Verificar o entendimento que os estudantes possuem sobre a Educação Física.	<ul style="list-style-type: none"> Qual o significado da Educação Física para você?
Histórico pessoal	Verificar as vivências que os alunos possuem sobre a Educação Física.	<ul style="list-style-type: none"> Como foram suas aulas de Educação Física durante o ensino fundamental?

Tema	Objetivo	Pergunta
Percepção sobre as aulas	Identificar a conduta do professor durante as aulas de Educação Física.	<ul style="list-style-type: none"> • Como o professor conduzia a aula? Ele pedia a opinião dos alunos sobre o que iria ser feito?
Envolvimento dos estudantes com a Educação Física	Identificar a interação dos estudantes durante as aulas de Educação Física.	<ul style="list-style-type: none"> • Como é a sua participação nas aulas de educação física? • Como as aulas poderiam se tornar mais significativas? • Você já participou de aulas onde o aluno opinou sobre as atividades que são desenvolvidas pelo professor? Se sim, qual a sua opinião sobre isso? • Você sabe o que é planejamento participativo? Se sim, o que você acha sobre esse tipo de participação?

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

A primeira fase da pesquisa foi denominada fase exploratória a qual, de acordo com Thiollent (1986), é apropriada para ter conhecimento do que será pesquisado, dos participantes da pesquisa e de ter um diagnóstico preliminar da situação. Portanto, a aplicação do questionário diagnóstico foi muito apropriada, já que nesta fase conhecemos os participantes da pesquisa, denominados de estudantes e adquirimos conhecimento sobre suas experiências e vivências em relação à Educação Física.

A segunda fase da pesquisa teve o objetivo de dar ciência aos alunos sobre o trabalho a ser desenvolvido e, simultaneamente, estabelecer um modo de trabalho no qual houvesse maior participação dos estudantes. Esse período, denominado por Thiollent (1986) como tema, foi o momento de darmos o conhecimento sobre o significado do planejamento participativo aos estudantes e termos uma conversa sobre o significado de participação. Na sala de aula dos estudantes, realizamos a escolha do conteúdo a ser trabalhado através de uma votação e a construção de grupos para a divisão das tarefas (grupo que realizaria a pesquisa sobre o conteúdo, grupo que desenvolveria e aplicaria a atividade, grupo que iria atrás dos recursos necessários, mídia...). Esta fase da pesquisa é o problema, pois há uma questão surgida do tema (planejamento participativo) que precisa ser solucionada (ação para gerar a aprendizagem), é onde o tema (planejamento participativo) adquire sentido. Neste momento também ocorre a fase da hipótese, pois é quando surgem as ações

para se resolver o problema, ou seja, se a questão está voltada para a falta de participação dos estudantes nas aulas de Educação Física, com os participantes escolhendo a função com a qual cada um se identifica, temos a hipótese de que todos os estudantes irão participar da aula.

Para verificar o engajamento dos estudantes foram elaborados os critérios de observação:

- Interação entre os estudantes;
- Manifestações individuais;
- Sugestões feitas;
- Coisas que devem ser evitadas (o que não deve ser feito).

A terceira fase do projeto teve o objetivo de planejar a atividade para aplicação, etapa realizada na sala de aula dos estudantes. Foi disponibilizada uma aula para o grupo responsável elaborar as atividades práticas com mediação da professora, e o grupo de mídia também participou deste momento, captando as ações realizadas. Esta etapa da pesquisa é a do seminário, segundo Thiollent (1986), o seminário tem a função de coordenar as atividades, os participantes deste grupo têm a responsabilidade de discutir o conteúdo e elaborar a atividade para o grupo dos estudantes que realizarão a parte prática.

A quarta fase do projeto teve o objetivo da participação de todos os estudantes, pois neste momento foi realizada a aplicação da atividade, nesta etapa o local foi definido de acordo com o conteúdo e atividade proposta pela turma. O grupo que ficou responsável em planejar a atividade também realizou a aplicação da mesma aos estudantes que escolheram a parte prática do projeto e o grupo de mídias ficou responsável por fotografar e filmar todos os momentos e elaborar um vídeo após a finalização da atividade. Neste momento – segundo Thiollent (1986) considerado a fase de coleta de dados – o professor-pesquisador observou se todos os estudantes estavam participando da atividade.

A avaliação foi por meio da observação. Antes e durante a aplicação de todo o processo, observei as turmas, fiz anotações e gravações sobre a participação dos alunos nas minhas aulas. A técnica escolhida foi o diário de campo.

Quando iniciamos a interpretação dos resultados da pesquisa, percebemos que não tínhamos todo o material necessário para realizar uma análise mais aprofundada, por isso realizamos entrevistas com 10 estudantes que participaram de todo o processo investigativo. A seleção dos entrevistados ocorreu de forma espontânea,

tendo sido composta por aqueles que demonstraram interesse em contribuir e que tinham disponibilidade. Conforme o estudo de Kawashima (2023), o engajamento dos alunos nas aulas de Educação Física está fortemente relacionado à adoção de práticas contextualizadas e significativas. A autora também ressalta a importância de os estudantes se sentirem valorizados, pois essa percepção influencia diretamente o modo como interpretam e atribuem valor às atividades propostas. Para analisar a participação e o envolvimento dos estudantes foram realizadas as seguintes perguntas (Quadro 2):

Quadro 2 – Entrevista

Tema	Objetivo	Pergunta
Percepção sobre a Educação Física	Compreender a visão dos alunos sobre a disciplina antes da experiência com o planejamento participativo.	1. Antes das aulas que tivemos, você conhecia o Planejamento Participativo? Se sim, o que você conhecia a respeito e o que achava das aulas de EF que utilizavam dessa maneira de realizar as aulas. Se não, qual era a sua opinião sobre as aulas de EF?
Participação e engajamento no planejamento participativo	Avaliar o impacto do planejamento participativo na participação dos alunos.	2. Durante as aulas com planejamento participativo, você sentiu mais vontade de participar? Se sim, o que exatamente fez diferença para você? 3. Houve momentos em que você se sentiu mais envolvido ou motivado do que em outras atividades? Se sim, o que contribuiu para isso? Se não, o que foi semelhante? 4. Você enfrentou alguma dificuldade para participar das aulas? O que poderia ter sido feito para tornar sua experiência ainda melhor?
Escolha dos conteúdos e metodologia	Analisar a percepção dos alunos sobre a autonomia na escolha dos conteúdos.	5. Como foi a experiência de escolher os conteúdos das aulas? Você sentiu que sua opinião foi realmente considerada? 6. O fato de poder decidir sobre as atividades mudou sua forma de enxergar a Educação Física? De que maneira? 7. Se você pudesse modificar o planejamento participativo para melhorar a experiência, o que acrescentaria ou mudaria?
Trabalho em equipe e socialização	Investigar como a experiência afetou a interação entre os estudantes.	8. Como você percebeu a interação com seus colegas durante esse processo? O planejamento participativo ajudou a fortalecer relações ou melhorar o trabalho em equipe? Se sim, como?

Tema	Objetivo	Pergunta
		9. O planejamento participativo ajudou a melhorar a comunicação e cooperação entre os alunos?
Impacto na aprendizagem e percepção sobre o componente curricular	Compreender se o modelo participativo influenciou o aprendizado e a valorização da Educação Física.	10. Você sente que aprendeu mais sobre Educação Física com essa experiência? Se sim, o que? 11. Se pudesse comparar suas aulas antes e depois do planejamento participativo, quais seriam as principais diferenças no seu aprendizado e envolvimento? 12. Você acredita que essa abordagem poderia ser utilizada em outras disciplinas? Por quê?
Reflexão e continuidade	Explorar sugestões dos alunos para futuras implementações do planejamento participativo.	13. Se tivéssemos outra oportunidade de planejar as aulas, o que você faria diferente? 14. Você recomendaria essa experiência para outras turmas? Por quê? 15. O que essa experiência significou para você em relação à aprendizagem, autonomia e envolvimento escolar?

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Por meio dos procedimentos e instrumentos citados acima, colhemos os dados e organizamos o material para ser analisado. A escrita de um diário de campo como ferramenta metodológica para registrar as observações e depois analisar os fatos ocorridos foi um recurso utilizado nesta pesquisa. Segundo Weber (2009), o diário de campo é um conjunto de anotações que o pesquisador realiza para se recordar dos detalhes dos acontecimentos, muitas vezes não são anotações cronológicas e não são possíveis de se publicar, é algo íntimo do pesquisador. É a relação dos eventos que foram observados e a junção de material para analisar a prática, a fala e a opinião dos pesquisados.

O principal aspecto a ser observado foi a participação dos estudantes durante a aplicação do planejamento participativo. Para Bordenave (1994), a participação é uma prática essencial para o desenvolvimento de uma sociedade democrática e sugere que o meio educacional precisa ir além da transmissão de conhecimento para envolver verdadeiramente um indivíduo no processo participativo. A participação precisa ser de maneira horizontal, com o envolvimento de todas as pessoas que fazem parte do processo de ensino e aprendizagem. O autor também defende que a escola precisa ser um local em que os estudantes possam expor as suas opiniões, questionar e propor ideias, contribuindo para as decisões que envolvem o cotidiano escolar. Por isso, o planejamento participativo é uma ferramenta que utiliza os pilares da participação, pois os estudantes são encorajados a tomar decisões, a ter papéis ativos e a assumir as consequências. É importante ressaltar que a participação não deve ser algo imposto, pelo contrário, deve ser incentivada para que os estudantes se sintam valorizados. Segundo Bordenave (1994), a prática participativa transforma a escola em um espaço de formação social e ética.

A partir das respostas que tivemos do questionário diagnóstico e do diário de campo, realizamos as interpretações, que estão nos próximos tópicos. Já para as entrevistas realizadas utilizamos a análise de conteúdo que, segundo Franco (2005), é uma técnica sistemática utilizada para examinar os significados de materiais qualitativos. A análise de conteúdo segue uma sequência de etapas, como codificação, categorização e interpretação, para que o processo seja mais objetivo e as evidências sejam claras. A codificação consiste em organizar os dados coletados

nas entrevistas e identificar as unidades significativas, que podem ser palavras, frases, ideias ou algo que seja relevante para a pesquisa. A categorização é a etapa da análise de conteúdos, em que os códigos criados durante a codificação ganham categorias ou temas maiores, com o objetivo de identificar padrões, relações e significado dos dados, ou seja, a categorização organiza e estrutura as informações para a análise. A interpretação é parte fundamental na análise de conteúdo, pois é preciso levar em conta o contexto em que os dados foram produzidos, os significados culturais, sociais e situacionais, tornando a análise mais rica e detalhada. Em síntese, a análise de conteúdo é uma técnica eficaz para interpretar dados qualitativos com rigor, dando a possibilidade de realizar uma leitura crítica e detalhada dos materiais analisados, levando em consideração não somente os dados em si, mas também os significados e contextos a que eles pertencem.

A primeira etapa é a organização das respostas obtidas a partir do questionário diagnóstico, para realizar as interpretações necessárias. Na segunda etapa, realizamos uma discussão com os alunos sobre o que eles responderam no questionário, obtendo uma compreensão mais aprofundada e a explicação do planejamento participativo. As observações pertinentes sobre as repostas e a participação dos estudantes expressando suas opiniões foram anotadas no diário de campo.

Na terceira etapa foi aplicado o planejamento participativo e foi analisada a participação dos estudantes, a organização da turma para realizar a votação do tema das aulas, a elaboração do material explicativo, a busca do conhecimento sobre o tema proposto, a participação na elaboração. Neste momento, a professora observou o engajamento dos alunos nas funções e realizou as anotações no diário de campo.

Por fim, na quarta etapa, foi realizado o fechamento e o grupo responsável por desenvolver a atividade aplicou a prática e o grupo responsável pela parte de mídia captou os momentos. Ao término da atividade prática houve uma discussão sobre tudo o que aconteceu, verificando a participação dos estudantes e se as aulas de Educação Física se tornariam mais significativas se fossem no modelo do Planejamento Participativo. Como o material obtido não nos deu profundidade analítica para o resultado, convidamos 10 estudantes que demonstraram interesse em continuar com o a pesquisa.

4.1 Questionário diagnóstico

Com o objetivo de identificar os conhecimentos prévios dos estudantes e compreender a relação que estabelecem com o componente curricular Educação Física, foi aplicado um questionário diagnóstico com 57 estudantes.

Quando questionados sobre o significado da EF, 30 estudantes responderam que tem relação com a prática de exercícios, atividades físicas e saúde; 22 estudantes responderam que tem relação com o esporte; 4 estudantes relacionaram a EF com felicidade, diversão e alegria; apenas 1 estudante disse não saber o que a educação física significava para ele. Como podemos ver pelas respostas dos estudantes 1 e 2:

A educação física significa para mim a prática de exercícios saudáveis e benéficos para saúde pode ser em forma de esportes, que melhoram o social da turma. (Estudante 1)

Diversão e momentos exercitar o corpo. Além de aprender mais sobre os esportes e até o físico do nosso corpo. (Estudante 2)

Essa visão, segundo Kawashima (2023), é devida às vivências que os estudantes tiveram em relação às aulas de EF até aquele momento e as influências de uma boa prática pedagógica. Isso nos leva à questão 2, por se tratar de como foram as aulas de EF durante o ensino fundamental: 26 estudantes responderam que as aulas foram boas e divertidas; 7 estudantes responderam que as aulas eram “livres” e que podiam praticar o que eles queriam; 6 estudantes responderam que as aulas foram voltadas para jogos e brincadeiras; 5 estudantes responderam que as aulas eram só a prática de queimada e vôlei; 5 estudantes relataram aspectos negativos sobre as aulas de EF no ensino fundamental, como péssimas, mal aproveitadas, horríveis e ruins; 2 responderam que as aulas eram práticas de esportes; 2 estudantes colocaram que não participavam das aulas por estarem de atestado médico; 1 estudante associou a EF com nota; 1 estudante relatou que só participava das aulas obrigatórias; 1 estudante respondeu que não possuía aulas na quadra porque a mesma se encontrava em reforma; 1 estudante relatou que não se lembrava das aulas.

Essas respostas nos fazem perceber que as aulas de EF no ensino fundamental para esses estudantes, em muitos casos, foram descontextualizadas e pouco significativas. Para França (2019), as aulas de EF no ensino médio podem ser uma continuidade das aulas que os estudantes tiveram no ensino fundamental, o que nos mostra que, para esses estudantes, as aulas não foram muito significativas. De

acordo com Kawashima e Moreira (2020), a visão que os estudantes possuem da EF é de um componente curricular desvinculado dos demais, o que podemos perceber nas respostas obtidas:

No fundamental minhas aulas tinham bastantes circuitos com estações diversas, porém também praticávamos esportes coletivos algumas vezes “aulas livres”, ou seja, podíamos praticar qualquer atividade física. (Estudante 3)

Na maioria do Ensino Fundamental não tive aula de Educação Física, mas quando tinha ficávamos livres para jogar o que quiséssemos, ou de vez em quando o professor passava algum esporte. (Estudante 4)

No começo das aulas do fundamental, foi bem ativo e sempre tinha atividades e físico, com alongamento e jogos. (Estudante 5)

Boas e divertidas, tive muitas aulas que faziam a gente correr bastante. (Estudante 6)

90% das aulas eram livre. (Estudante 7)

Quando questionados sobre como o professor conduzia as aulas e se ele pedia a opinião dos alunos sobre o que seria feito: 33 estudantes responderam que o professor não pedia a opinião deles e que as aulas geralmente eram “livres” ou o docente passava algum esporte; 14 estudantes responderam que o professor pedia a opinião deles e que ele conduzia bem as aulas ou as aulas eram “livres”; 4 estudantes responderam que às vezes o professor pedia a opinião deles e que as aulas eram boas; 1 estudante respondeu que o professor só pedia opinião para as coreografias da festa junina; 1 estudante respondeu que o professor conversava com eles quando teria aula “livre” e só aconteceria após os alunos darem 3 voltas na quadra; 1 estudante respondeu que não sabia; 1 estudante respondeu que não se lembrava; 1 estudante respondeu que vivia trocando de professor; 1 estudante não entendeu a pergunta.

Só levava a turma para quadra e deixava fazer o que quiser. (Estudante 7)

O professor na maioria das vezes deixava os alunos livres para jogarem o que quiserem. (Estudante 1)

Ele não pedia a opinião dos alunos e explicava na sala antes. (Estudante 8)

O professor fazia o que queria, não pedia a opinião. (Estudante 9)

O grande número de respostas sobre “aulas livres” é uma consequência da didática precária de muitos professores de Educação Física (França, 2019). Essas atitudes podem ser o reflexo das respostas da próxima pergunta no que diz respeito à participação dos estudantes nas aulas de EF: 27 estudantes responderam que participavam das aulas e/ou sua participação era boa; 16 estudantes relataram que sua participação era mediana; 4 estudantes responderam que não participavam e/ou sua participação era ruim; 4 estudantes relataram que participavam pouco das aulas; 4 estudantes responderam que participavam apenas das aulas obrigatórias/que

valiam nota; 1 estudante respondeu que ficava sentado; 1 estudante respondeu que participava apenas das atividades teóricas por estar de atestado médico.

Só participava da obrigatória. (Estudante 10)

Normalmente não faço, só quando é necessário. (Estudante 11)

Depende do dia. Quando estou com energia eu participo nos outros dias eu evito. (Estudante 12)

Participo sempre, gosto de todas as aulas. (Estudante 13)

Quando foram questionados sobre tornar as aulas mais significativas: 15 estudantes responderam que não sabiam; 11 estudantes responderam que as aulas com algum esporte competitivo (foram citados futsal e vôlei) seriam mais significativas; 9 estudantes responderam que as aulas já são significativas; 5 estudantes relataram que as aulas seriam mais significativas se fossem mais dinâmicas, com mais atividades alegres; 6 estudantes responderam que atividades como jogos e brincadeiras deixam as aulas mais significativas; 4 estudantes disseram que as aulas seriam mais significativas se fosse perguntada a opinião deles; 2 estudantes relataram que as aulas livres são significativas; 2 estudantes responderam que aulas que trabalhem em equipe com pessoas que gostam são significativas; 1 estudante respondeu que se houvesse menos aulas livres seria mais significativo; 1 estudante respondeu que se tivesse um propósito definido seria significativo; 1 estudante respondeu que era uma boa pergunta.

Com base nessas respostas podemos perceber que uma boa parte dos estudantes não possuem tanto interesse nas aulas de EF, pois, de acordo com Kawashima (2023), aulas diferentes que provoquem novas sensações nos estudantes causam mais interesse e se tornam mais significativas. As seguintes respostas demonstram que a didática precária implica no significado das aulas de EF:

Acho que se tivéssemos menos aulas livres, seria melhor. (Estudante 14)

Aulas livres ou atividades práticas. (Estudante 15)

Tendo mais jogos como pique-bandeira. (Estudante 16)

Para desenvolver a autonomia dos estudantes é importante a presença de um ambiente escolar democrático, com pessoas dispostas a dialogar, pensar, refletir e planejar ações (Silva, 2020), com isso quando questionados sobre já terem participado de aulas em que o aluno opinou sobre as atividades desenvolvidas pelo professor tivemos as seguintes respostas: 32 estudantes responderam que não participaram desse tipo de aula; 2 estudantes responderam que não sabiam; 22 estudantes responderam que sim e que achavam interessante/importante esse tipo

de aula; 1 estudante respondeu que já participou, mas não concordava com esse tipo de aula, pois o professor é autoridade.

Sim, mas nada pesado. Acho errado pois o professor é autoridade. (Estudante 17)

Sim, eu acho legal os professores considerarem o que a gente pensa. (Estudante 18)

Sim, eu acho legal, pois as aulas ficam mais participativas. (Estudante 19)

De acordo com Libâneo, Oliveira e Toshi (2012), para uma gestão democrática dentro da escola, o Planejamento Participativo pode ser uma ferramenta eficiente, com isso, quando perguntado sobre o conhecimento sobre planejamento participativo, 52 estudantes responderam que não sabiam; 4 estudantes responderam que sabiam e achavam legal/bom; 1 estudante respondeu talvez e achava que participação nas aulas não deveria ser obrigatória.

Talvez, mas acho que as aulas não deveriam ser obrigatórias. (Estudante 17)

Acho bom pois assim todos precisam participar o que faz o povo parar de ser sedentário. (Estudante 20)

4.2 Diário de campo

Após a aplicação do questionário diagnóstico, foi realizada uma roda de conversa com os estudantes, abordando os seguintes temas: participação, aspectos considerados importantes e/ou interessantes nas aulas de Educação Física, e os aprendizados adquiridos por meio dessa disciplina. Nesse momento, atuamos como mediadores do diálogo, organizando os temas no quadro e registrando as palavras e expressões verbalizadas pelos alunos. As falas consideradas mais pertinentes foram anotadas em um diário de campo, conforme orientação de Weber (2009), que define esse instrumento como uma ferramenta essencial para que o professor registre suas observações e reflexões acerca da prática pedagógica.

No que diz respeito ao tema da participação, os estudantes apresentaram as seguintes contribuições: *falar, se comunicar, fazer o que eu mando, ouvir o professor, responder, prestar atenção, respeitar, comparecer nas aulas, ter presença, contribuir com a aula, participar na quadra, se envolver nas atividades e jogar bola*. De acordo com Schulz (2007), a participação é compreendida como uma habilidade social, o que pressupõe a existência de interações entre os indivíduos. É possível perceber uma relação direta entre essa definição e as respostas obtidas durante a roda de conversa. Ainda que a expressão “fazer o que eu mando” não represente uma participação ativa — que é a perspectiva que orienta este trabalho —, pode ser entendida como uma

forma de engajamento colaborativo, contribuindo para o desenvolvimento das aulas. As demais falas demonstram uma aproximação significativa com a concepção de planejamento participativo, especialmente no que se refere à valorização de uma educação democrática, que dá voz aos estudantes e os reconhece como sujeitos ativos no processo de ensino e aprendizagem, rompendo com a lógica tradicional de passividade discente.

Quando questionados sobre o que consideram importante e/ou interessante nas aulas de Educação Física, os estudantes elencaram os seguintes elementos: *descer para quadra, participação, exercício físico, atividade física, esportes, corpo humano (anatomia), benefícios, trabalho em grupo, respeito e competitividade*. Tais respostas indicam o reconhecimento da diversidade de componentes que integram a disciplina, revelando um entendimento que ultrapassa a mera prática esportiva, ao incluir também aspectos cognitivos e relacionais.

Em relação ao que aprendem nas aulas de Educação Física, os estudantes mencionaram: *ser uma pessoa melhor, cuidar do corpo, lidar com o outro, companheirismo, deixar o sedentarismo, ser mais ativa, o esporte muda o caráter, aprender sobre os esportes e resistência*. Segundo Kawashima (2023), a forma como os estudantes atribuem importância à disciplina e compreendem suas aprendizagens está diretamente relacionada às experiências que vivenciam ao longo das aulas. As respostas obtidas corroboram essa perspectiva, uma vez que demonstram que os alunos relacionam a Educação Física tanto à prática de atividades corporais quanto ao desenvolvimento de conhecimentos (como a anatomia) e às interações sociais. Dessa forma, é possível inferir que, para esses sujeitos, a disciplina contribui para uma formação integral, ao abranger dimensões cognitivas, afetivas e físicas do desenvolvimento humano.

Na turma 1, os estudantes demonstraram alto nível de participação, respondendo a todas as perguntas realizadas. Foram destacadas falas que associam a Educação Física à promoção de uma vida mais ativa, à melhoria pessoal e à transformação do caráter. Quando informado que eles teriam a oportunidade de escolher o tema da próxima aula, os discentes se mostraram bastante entusiasmados, sugerindo diversos esportes e jogos. No entanto, no momento da escolha efetiva (por meio de votação), a participação inicial foi reduzida, sendo necessário intervir diversas vezes para estimular o envolvimento. Após o anúncio de que o tema "jogos" havia sido o mais votado, os estudantes voltaram a demonstrar empolgação. A divisão de tarefas

ocorreu de maneira tranquila, com os alunos se organizando espontaneamente. Ao término da atividade, foi realizada uma nova roda de conversa, na qual os estudantes avaliaram positivamente o modelo da aula. Um dos alunos destacou que o formato era interessante por refletir “a vontade da sala”, enfatizando seu caráter democrático. Uma aluna sugeriu ainda a possibilidade de revezamento entre os papéis de organização teórica e prática nas próximas aulas. Quando questionados sobre a viabilidade de manter esse modelo em todas as aulas, três estudantes expressaram dúvidas quanto à participação de todos, ressaltando que isso dependeria da natureza das atividades propostas.

Na turma 2, a participação também foi expressiva, com os estudantes respondendo prontamente às perguntas feitas. Houve apenas um aluno que demonstrou certa resistência, fazendo brincadeiras durante a gravação do áudio. Em relação à escolha de temas para as aulas seguintes, novamente surgiram sugestões de esportes e jogos. Durante a votação, o entusiasmo foi visível, principalmente entre os que desejavam abordar o futebol. No entanto, a ginástica acrobática foi o tema eleito. Devido a uma forte chuva no dia da aula prática, houve significativa ausência de alunos. Ainda assim, os presentes avaliaram positivamente o modelo de planejamento participativo. Ao serem questionados sobre a adoção contínua desse formato, responderam que a participação dependeria da variedade dos temas propostos. Um aluno, identificado como A, relatou que geralmente não participa das aulas, mas que apreciou bastante esse modelo. Surpreendentemente, a maioria dos votos para o tema vencedor partiu das meninas, que influenciaram a escolha do conteúdo. Os meninos, embora inicialmente preferissem o futebol, assumiram com entusiasmo as atividades práticas da aula, demonstrando engajamento e interesse em repetir experiências semelhantes.

4.3 Relação entre questionário diagnóstico e diário de campo

A análise comparativa entre o questionário diagnóstico e o diário de campo permite evidenciar tanto elementos de permanência quanto transformações nas percepções dos estudantes sobre o componente curricular Educação Física, especialmente no que diz respeito aos sentidos atribuídos à participação, à relevância dos conteúdos e à experiência de aprendizagem.

O questionário diagnóstico, como instrumento estruturado e individual, permitiu captar representações iniciais dos estudantes de forma mais direta e objetiva, revelando concepções prévias sobre o conteúdo e o formato das aulas. Já o diário de campo, enquanto ferramenta qualitativa de natureza processual, favoreceu o registro das dinâmicas interativas, das falas espontâneas e das reações coletivas dos alunos ao longo da prática pedagógica, permitindo uma compreensão mais profunda das transformações que ocorreram ao longo do processo de escuta e de participação ativa.

No questionário diagnóstico, observou-se que a maioria dos estudantes associava a Educação Física à prática de exercícios físicos, saúde e esportes. Essa compreensão inicial se manteve presente nas rodas de conversa, conforme registrado no diário de campo, mas foi complementada por novos significados. Durante os diálogos mediados, os estudantes passaram a citar aspectos como trabalho em grupo, respeito, companheirismo e até mesmo o estudo da anatomia, demonstrando uma ampliação do entendimento sobre a finalidade das aulas de EF. Esse enriquecimento do olhar dos alunos indica uma mudança qualitativa importante: a Educação Física deixou de ser percebida apenas como uma prática corporal para ser reconhecida como espaço de desenvolvimento humano integral (físico, social e emocional).

No que se refere à participação, as respostas iniciais apontavam que metade da turma participava de maneira satisfatória das aulas, enquanto a outra metade considerava sua participação insatisfatória. Com a roda de conversa, foi possível observar uma compreensão limitada e, muitas vezes, passiva, marcada por expressões como “fazer o que o professor manda” ou “comparecer às aulas”. A baixa participação nas decisões pedagógicas também foi fortemente evidenciada, a maioria dos estudantes relatou que os professores não costumavam solicitar suas opiniões sobre o planejamento das aulas, predominando o modelo de “aulas livres” ou práticas dirigidas sem consulta ao grupo. Durante as rodas de conversa e na organização das aulas, os estudantes passaram a relacionar participação com diálogo, escuta, colaboração e envolvimento nas atividades. Embora ainda tenham surgido dúvidas quanto à efetividade da participação de todos, especialmente durante os momentos de escolha coletiva, o entusiasmo demonstrado diante da possibilidade de opinar e planejar revela um avanço importante em direção a uma concepção mais ativa e democrática de participação, conforme proposto por Schulz (2007).

Outro ponto de mudança refere-se à significação das aulas. Enquanto muitos estudantes afirmaram inicialmente não saber como torná-las mais significativas, ou sugeriram apenas a inserção de esportes competitivos, no diário de campo surgiram falas que indicam uma valorização de aulas mais dinâmicas, planejadas coletivamente e com objetivos definidos. A ideia de que a Educação Física pode “tornar a pessoa melhor” ou “mudar o caráter”, por exemplo, é um indicativo do quanto a EF é importante para os estudantes.

Ainda que tenham se mantido algumas tendências observadas no diagnóstico (como a preferência por esportes e jogos, ou o interesse por aulas práticas), o acompanhamento etnográfico permitiu captar nuances mais ricas e complexas na relação dos estudantes com a EF. O engajamento em propostas que consideram a opinião dos alunos, mesmo que feita antes da própria intervenção, gerou entusiasmo, senso de pertencimento e novas perspectivas sobre o papel da Educação Física na escola.

Em síntese, o comparativo revela que houve manutenção de certos interesses (como a prática esportiva e a valorização de aulas dinâmicas), mas também mudanças significativas na forma como os estudantes compreendem a participação e atribuem sentido às aulas de Educação Física. O diário de campo, por sua natureza processual e sensível ao cotidiano pedagógico, foi fundamental para evidenciar essas transformações, que possivelmente não seriam percebidas apenas com base em um instrumento diagnóstico pontual. A experiência confirma a relevância de práticas que integrem escuta ativa e planejamento participativo como estratégias para promover uma Educação Física mais democrática, significativa e inclusiva.

5 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

As entrevistas foram realizadas com 10 estudantes que de maneira espontânea se ofereceram para participar. A análise das entrevistas foi através da análise de conteúdos, conforme delineada por Franco (2005), compreendida como um conjunto de técnicas metodológicas voltadas para a interpretação de mensagens, com o objetivo de sistematizar e descrever o conteúdo das comunicações. Essa técnica busca ultrapassar a aparência superficial das falas, textos ou documentos, revelando os significados e as estruturas profundas presentes nas mensagens.

No processo de análise das entrevistas, procedeu-se inicialmente à identificação das unidades de registro, compreendidas como os fragmentos dos discursos com potencial de significado em relação aos objetivos da pesquisa. Com base nelas, delinear-se as unidades de análise, que possibilitaram a identificação de padrões e sentidos recorrentes no material empírico. A sistematização e a interpretação desses elementos permitiram a construção de categorias, as quais subsidiaram a compreensão aprofundada do fenômeno investigado. Tal procedimento está alinhado à proposta metodológica de Franco (2005), segundo a qual a análise de conteúdo constitui um processo de decomposição, organização e interpretação do material discursivo, visando à produção de inferências válidas e significativas sobre as condições de produção e o contexto das mensagens.

A partir dos temas elencados na estruturação da entrevista, iniciamos a análise. Os temas foram os seguintes: percepção sobre a EF; participação e engajamento; escolha dos conteúdos e metodologia; trabalho em equipe e socialização; impacto na aprendizagem e percepção sobre o componente curricular; reflexão e continuidade.

5.1 Unidades de registro

Após a leitura flutuante foram identificados as seguintes unidades de registro: percepção sobre a EF (Quadro 3); participação e engajamento no planejamento participativo (Quadro 4); escolha dos conteúdos e metodologia (Quadro 5); trabalho em equipe e socialização (Quadro 6); impacto na aprendizagem e percepção sobre o componente curricular (Quadro 7); reflexão e continuidade (Quadro 8).

Quadro 3 – Temática percepção sobre a Educação Física

Unidade de Registro	Contexto/Frase	Interpretação
Aulas de EF são obrigatórias	“Achava as aulas de EF chatas porque não gosto de me exercitar, mesmo indo para academia, as aulas de EF são obrigatórias por isso se tornam chatas.”	Quando algo é imposto implica em uma obrigação, algo que não foi dialogado. Essa imagem das aulas EF é algo que não gera motivação para os estudantes participarem.
Autoritário	“Então, eu achava a EF meio complicada, algo autoritário, a professora da minha outra escola mandava a gente fazer e tinha muitos alunos que não queriam fazer e eram obrigados a participarem das aulas e às vezes a pessoa não tinha tanta facilidade com o esporte que ela escolhia e era obrigado a participar, por exemplo handebol, a maioria das pessoas da minha sala não gostava de handebol, mas tinham que fazer. Minha visão não era positiva.”	As experiências que alguns estudantes tinham das aulas de EF eram que elas eram muito tradicionais, onde apenas o professor passava o conteúdo e os estudantes tinham que reproduzir o que foi explicado. Isso mostra uma visão muito negativa da EF.
Educação Física era muito repetitiva	“Não, tinha a ideia que a EF era muito repetitiva. Dividida a quadra no meio e era metade vôlei e metade futebol o ano inteiro, as vezes era aula livre. Mas, nunca tive nem imaginei ter uma aula de ginástica.”	A visão que a EF é apenas voltada para os esportes coletivos tradicionais, pois muitas vezes causa uma desmotivação nos estudantes que não possuem tanta habilidade.

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Quadro 4 – Temática participação e engajamento no Planejamento Participativo

Unidade de Registro	Contexto/Frase	Interpretação
Ambiente de aula	“Sim, ficar fazendo aula no sol é muito ruim, quando escolhemos o ambiente de aula ficou bem melhor.”	A possibilidade de os estudantes escolherem o local para realizarem a aula incentiva o envolvimento na atividade e a sua participação.
Criar	“Sim, com certeza. Porque a gente pode criar nossos jogos e participar. Foi divertido e diferente. A gente participou mais, se engajou mais.”	Quando o estudante se torna agente do seu processo de ensino e aprendizagem, ele demonstra maior interesse em se envolver na atividade, o que torna a aula mais leve e agradável.
Escolher	“Sim, porque gostei do que estava fazendo, eu escolhi o que estava fazendo.” “Sim, eu achava mais legal, era mais interessante, a gente poder escolher, decidir o que vamos fazer do que algo já programado.” “Sim, mesmo que fazendo parte do grupo da mídia, eu me senti mais motivada por estar fazendo algo que escolhi.”	A oportunidade de escolher no planejamento participativo é importante porque fortalece a democracia, valoriza os saberes e garante que as decisões tomadas estejam alinhadas com as reais necessidades. Quando as pessoas podem escolher, elas deixam de ser apenas receptoras e passam a ser agentes ativos.
Incluir	“Sim, eu senti que fiquei mais incluída nas aulas. Eu fiquei responsável pela parte da mídia.”	O sentimento de pertencimento é muito importante, por garantir que as diferentes opiniões e necessidades são consideradas.

Unidade de Registro	Contexto/Frase	Interpretação
		Quando sentimos que estamos incluídos desenvolvemos nossa confiança e nos engajamos mais.
Participar	<p>“Sim, quis participar muito. Porque eu comecei a entender sobre a EF e quis aprender mesmo.”</p> <p>“Acho que sim, quando a gente tá competindo mais, a gente sente que está mais dentro da aula, de participar”</p>	A participação no planejamento participativo é fundamental, pela necessidade que temos do engajamento dos estudantes nas atividades para que de fato aconteça a atividade.

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Quadro 5 – Temática escolha dos conteúdos e metodologia

Unidade de Registro	Contexto/Frase	Interpretação
Equilibrado	“Talvez sim, a gente sente que está junto com o professor, que a gente faz parte da aula e o professor não impõe. Não existe aquele patamar de professor-aluno, fica tudo equilibrado, é mais legal.”	Quando o estudante tem a oportunidade de escolher o conteúdo da aula e definir seu papel no processo, estabelece-se uma relação mais equilibrada entre aluno e professor, o que favorece o engajamento, desperta o interesse e estimula uma participação mais ativa.
Escolher	“Eu acho que se a gente pudesse sempre escolher as aulas, seria melhor.”	Quando o estudante tem a oportunidade de escolher o conteúdo da aula e seu papel no processo, ele se envolve mais, demonstra maior interesse e participa com mais entusiasmo.
Interagir/interação	<p>“A sala era dividida em dois grupos, lado A e B. Aí na parte de fazer a atividade misturou tudo e foi bom para interagir com todos. As relações melhoram entre os alunos.”</p> <p>“Teve uma boa interação com a sala inteira. Melhorou muito a interação da sala porque os grupinhos se misturaram, as panelas foram desfeitas.”</p> <p>“Foi bem legal, interagimos bastante, fomos bastante e foi importante para união da sala em todas as partes, teórica, prática... Melhorou nossa forma de interagir com os outros, conversamos mais entre nós, descobrimos gostos parecidos.”</p> <p>“Foi bom, conviver e interagir com os outros. Foi uma boa oportunidade.”</p>	A interação é essencial porque promove o diálogo, o compartilhamento de saberes e a construção coletiva. É por meio da interação que diferentes sujeitos sociais podem expressar suas ideias, negociar interesses, esclarecer conflitos e aprender uns com os outros. Esse processo fortalece a confiança, estimula a cooperação e cria um ambiente mais democrático e inclusivo
Liberdade	“Acho que sim, antes era muito regrado e repetitivo. Com essa dinâmica tivemos mais liberdade.”	A metodologia tradicional de aulas é importante, porém as metodologias ativas, onde colocam os estudantes como centro do processo de ensino e aprendizagem eles produzem e participam mais.
Produtividade	“Acho que sim, as aulas foram mais produtivas, juntamos mais as	Quando o estudante tem a oportunidade de escolher a sua

Unidade de Registro	Contexto/Frase	Interpretação
	<p>peças da sala, teve mais produtividade de todo mundo porque pudemos escolher nossas funções, quem fica no teórico, quem fica na prática... Foi considerada a nossa opinião, porque a pessoa que não gosta tanto da parte prática pode escolher ficar na parte teórica e isso foi mais confortável.”</p>	<p>forma de participar da aula, ele se sente valorizado. É importante quebrar o “tabu” de que a Educação Física é apenas aulas práticas.</p>
Uniu a sala	<p>“Eu acho que nada. Porque além da gente participar, uniu a sala, por exemplo, eu não era amiga do aluno X e como ele também era da mídia nos começamos a conversar.”</p>	<p>O planejamento participativo vai além da simples elaboração de atividades: ele promove vínculos, estimula o diálogo e fortalece o senso de coletividade. Ao envolver os estudantes nas decisões, cria-se um espaço de escuta e cooperação, favorecendo não apenas o engajamento individual, mas também a integração do grupo como um todo.</p>
Vontade	<p>“Mais ou menos, porque me deu mais prazer, vontade de participar das aulas...” “O planejamento participativo foi muito bom para alinhar a vontade da sala com o que íamos fazer, a forma que você conduziu as aulas foram muito boas, não é à toa que todo mundo participou.”</p>	<p>O planejamento participativo é capaz de despertar o interesse genuíno dos estudantes. Ao considerar suas vontades, preferências e expectativas, o processo se torna mais significativo e motivador. Esse alinhamento entre os desejos do grupo e a condução pedagógica favorece o envolvimento coletivo e transforma a experiência escolar em um espaço mais prazeroso e produtivo.</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Quadro 6 – Temática trabalho em equipe e socialização

Unidade de Registro	Contexto/Frase	Interpretação
Ajudar	<p>“Sim, um foi ajudando o outro no meu grupo, a gente se dividiu e cada um foi gravando uma parte” “Sim, com certeza. Tinha gente na sala que eu não interagía, não conversava e com a dinâmica eu conversei. Ajudou, foi algo natural a melhora da relação, depois do planejamento participativo a sala ficou mais junto.” “Ajudou a estabelecer o que cada um deve fazer. Foi muito bom para integrar o conceito do trabalho em grupo, juntou a prática e a teórica.”</p>	<p>O planejamento participativo está diretamente associado à noção de ajuda mútua e colaboração. Fica evidente que o envolvimento coletivo nas decisões promove um ambiente de cooperação, em que os alunos se sentem corresponsáveis pelo processo. O planejamento participativo cria espaços de escuta e partilha que facilitam tanto a interação interpessoal quanto a organização do trabalho. Além disso, ele favorece a articulação entre teoria e prática, fortalecendo a vivência do trabalho em grupo como um espaço de aprendizagem conjunta e de apoio recíproco.</p>
Conhecer	<p>“Sim, acho que aprendi mais a ver o lado do outro, A gente é dividido em</p>	<p>O planejamento participativo é uma metodologia que incentiva a</p>

Unidade de Registro	Contexto/Frase	Interpretação
	bolhas, eu por exemplo sou do nicho do futebol e às vezes a gente não está disposto a conhecer as pessoas de outros nichos. Então, nesse tipo de projeto/aula a gente consegue conhecer melhor os outros.”	comunicação entre todos os que compõem o ambiente escolar. Com isso, os estudantes que não tinham muito contato com os demais tiveram a oportunidade de se conhecer e trocar experiências.
Engajar	“Acho que sim, não pelo meu ponto de vista, pelo ponto de vista dos outros. Por exemplo o grupo que elaborou a atividade, eles estavam bem engajados, levaram bem a sério a atividade, conversando sempre. Então, por eles sim.”	O planejamento participativo favorece o engajamento dos estudantes ao permitir que se sintam parte ativa do processo. Ao serem responsáveis pela elaboração das atividades, os alunos demonstram maior comprometimento, seriedade e iniciativa, elementos centrais do engajamento. O planejamento participativo, ao distribuir o protagonismo e valorizar a escuta, cria um ambiente em que os sujeitos se sentem mobilizados a contribuir de forma mais autêntica, colaborativa e contínua, fortalecendo a construção coletiva do conhecimento.
Equipe	“Aprendi que devemos trabalhar em equipe nas aulas de EF e não ficar somente nos nossos grupinhos e fazer o que a gente realmente gosta.” “A EF vai muito além do que o esporte, de ir para uma quadra e chutar bola. É o trabalho em equipe, entender e respeitar o outro. É muito mais que jogar bola.”	O planejamento participativo contribui para o fortalecimento do trabalho em equipe ao ampliar o sentido da convivência e da colaboração nas aulas. Ao incluir os estudantes nas decisões e propostas de atividades, o planejamento participativo rompe com práticas individualistas e incentiva a construção coletiva, promovendo a escuta, o respeito às diferenças e o comprometimento com o grupo. Dessa forma, os alunos aprendem a dialogar, negociar e agir em conjunto, compreendendo que o verdadeiro aprendizado vai além da prática isolada e se realiza plenamente no exercício da cooperação.

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Quadro 7 – Temática impacto na aprendizagem e percepção sobre o componente curricular

Unidade de Registro	Contexto/Frase	Interpretação
Engajar	“Acho que sim, não pelo meu ponto de vista, pelo ponto de vista dos outros. Por exemplo o grupo que elaborou a atividade, eles estavam bem engajados, levaram bem a sério a atividade, conversando sempre. Então, por eles sim.”	O planejamento participativo atua diretamente no engajamento dos estudantes e transforma sua percepção sobre a disciplina. Ao possibilitar a participação ativa nas decisões, os alunos se sentem mais responsáveis e valorizados, o que gera maior

Unidade de Registro	Contexto/Frase	Interpretação
	<p>“Olha eu não seria tão engajado nas aulas. Antes não tinha tanta vontade de fazer as atividades, não era tanto por mim e sim pelos outros, quando via que eles não queriam fazer a atividade, aí desmotivava, porque não queriam jogar e acabava desanimando. Mas, com o planejamento eu vi que as pessoas se engajaram, com mais vontade de participar e fica uma coisa mais saudável de fazer, participar.”</p>	<p>interesse e envolvimento com as atividades propostas. Esse processo não apenas modifica a dinâmica das aulas, tornando-as mais colaborativas e motivadoras, como também contribui para uma aprendizagem mais significativa. O engajamento deixa de ser um esforço individual e passa a ser construído coletivamente, criando um ambiente mais acolhedor, no qual a disciplina é percebida como um espaço de escuta, escolha e construção conjunta.</p>
Envolvimento	<p>“Eu gosto das suas aulas teóricas, mas é muito legal quando a gente escolhe o tema e aí descobrimos um tema novo e conseguimos se envolver mais, participar mais.”</p> <p>“A questão de mudança, que o professor só passava o que tínhamos que fazer e agora a gente pode escolher o que estudar. Me sinto mais envolvido, sinto vontade de participar, não é algo implantado.”</p>	<p>O planejamento participativo tem um papel decisivo no aumento do envolvimento dos estudantes com o processo de aprendizagem. Quando têm a possibilidade de escolher e opinar sobre os conteúdos, os estudantes se sentem mais motivados, valorizados e interessados, o que gera um vínculo com a proposta pedagógica. O envolvimento não é imposto, mas construído de forma compartilhada, tornando as aulas mais significativas e despertando o senso de pertencimento.</p>
Escolher	<p>“Sim, porque é muito melhor a gente poder escolher o que quer aprender, o que temos interesse, não algo que a gente é forçado a aprender.”</p> <p>“Podíamos escolher o que a gente quer aprender, estudar algum tipo de planta diferente, ir no mato, As aulas de itinerário são diferentes e dão abertura para isso.”</p> <p>“Sim, a gente poder comentar, escolher o que a gente quer. Por exemplo sociologia, poder escolher um tema que a gente quer falar da atualidade, fazer um debate. Aula de história sobre eventos históricos que estão acontecendo ou já aconteceram. Algo mais dinâmico.”</p>	<p>A possibilidade de escolha, elemento central do planejamento participativo, impacta positivamente a aprendizagem e a forma como os estudantes percebem as disciplinas. Ao permitir que os alunos escolham temas de interesse e participem da construção dos conteúdos, as aulas se tornam mais significativas, despertando curiosidade, autonomia e senso crítico. A escolha rompe com a lógica tradicional de ensino tradicional, transformando o estudante em sujeito ativo do processo educativo. Isso não apenas amplia o engajamento e a motivação, como também ressignifica o componente curricular.</p>
Sentido	<p>“As aulas de itinerário são diferentes e dão abertura para isso. Em matemática também seria possível, educação financeira... algo que faz sentido para nós.”</p>	<p>O planejamento participativo contribui para dar sentido ao que se aprende na escola. Quando os estudantes têm a oportunidade de participar das decisões sobre os conteúdos e metodologias, as aprendizagens deixam de ser abstratas ou distantes da realidade e passam a dialogar</p>

Unidade de Registro	Contexto/Frase	Interpretação
		com seus interesses, necessidades e vivências concretas. Esse processo fortalece a conexão entre teoria e prática, despertando maior interesse e engajamento. O planejamento participativo, ao considerar o que faz sentido para os alunos, transforma a percepção sobre a disciplina, que passa a ser vista como útil, relevante e significativa, superando a lógica da transmissão e se aproximando de uma proposta educativa dialógica e contextualizada.
Vontade	“Primeiro que eu tive vontade de participar da aula, coisa que não acontecia antes.”	Ao envolver os alunos nas decisões sobre o que e como aprender, o planejamento participativo desperta a <i>vontade</i> de participar, pois torna as aulas mais significativas, próximas da realidade e alinhadas aos interesses do grupo. Essa vontade, que antes era ausente, surge como resultado do sentimento de pertencimento e da valorização da voz do estudante, elementos essenciais para uma aprendizagem mais engajada e autônoma. Assim, a EF deixa de ser percebida como algo imposto e distante, e passa a ser vista como um espaço de construção conjunta e diálogo.

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Quadro 8 – Temática reflexão e continuidade

Unidade de Registro	Contexto/Frase	Interpretação
Autonomia	“Me tornei mais autônoma, consegui me expressar, ouviram minha opinião.” “Eu acho que conheci novas bolhas, eu descobri que tem duas meninas da nossa sala que são do atletismo... Coisas que em um ano na sala não sabia. Me tornei mais autônomo, com um “cargo” maior e me levou a ter um envolvimento melhor com as aulas e com a escola.”	O planejamento participativo favorece o desenvolvimento da autonomia estudantil de forma concreta e reflexiva. Ao possibilitar que os alunos assumam papéis ativos nas decisões e na condução das atividades, a escola se torna um espaço onde a expressão individual é valorizada e a responsabilidade coletiva é construída. Essa autonomia vai além da execução de tarefas: ela envolve o reconhecimento de si no grupo, o exercício do diálogo e a capacidade de refletir sobre as próprias ações e sobre o contexto escolar. Com isso, o planejamento participativo estimula um envolvimento que tende à continuidade, fortalecendo a

Unidade de Registro	Contexto/Frase	Interpretação
Comunicação	<p>“Sim, porque ajudou na comunicação de uma sala caótica, totalmente dividida como era a minha, com certeza irá ajudar outras salas.”</p> <p>“Melhorou a comunicação entre todos da sala, a gente aprendeu a trabalhar em equipe. Muito bom, não só para escola, mas para a vida.”</p>	<p>relação do estudante com a aprendizagem, com os colegas e com a escola como um todo.</p> <p>O planejamento participativo é um instrumento poderoso para fortalecer a comunicação no ambiente escolar. Ao promover espaços de escuta, diálogo e decisão coletiva, ele transforma relações marcadas por divisão em experiências colaborativas e construtivas. Essa melhora na comunicação não se limita à realização das atividades, mas impulsiona a reflexão sobre o convívio e a importância da cooperação. Além disso, ao criar vínculos e desenvolver práticas de convivência respeitosa, o planejamento participativo contribui para a continuidade desse aprendizado ao longo da trajetória escolar e para além dela, preparando os estudantes para diferentes contextos da vida.</p>
Medo	<p>“Sim, acho que essas aulas ficam mais dinâmicas, a gente acaba se soltando mais com todo mundo. Todo mundo está junto, se não entendeu, explica. Não tem aquele sentimento de medo que às vezes temos com os professores, não tem medo de ser taxado.”</p>	<p>O planejamento participativo contribui para a superação do medo no ambiente escolar, especialmente aquele relacionado ao julgamento e à rigidez hierárquica. Ao permitir que os estudantes participem ativamente da construção das aulas, sejam ouvidos e respeitados, cria-se um espaço mais acolhedor, horizontal e seguro. A ausência do medo favorece a expressão, a colaboração e o aprendizado mais profundo, pois o aluno sente-se mais livre para perguntar, criar e contribuir. Essa mudança não apenas melhora a experiência imediata em sala de aula, mas também gera uma reflexão sobre as relações de poder na escola e reforça práticas mais democráticas.</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

5.2 Categorização

A criação das categorias está relacionada com o sentido das unidades de contexto. Então, com base nos Quadros 3 a 8, extraíram-se as unidades de contexto e os significados que os estudantes possuem sobre os diferentes temas. Com isso,

surgiram as seguintes categorias: Autonomia dos estudantes nas aulas de Educação Física; Percepções limitadas sobre o papel da Educação Física; Impacto do planejamento participativo na motivação e no engajamento dos estudantes; Valorização das relações sociais e do trabalho em grupo na Educação Física; e Busca por aulas mais dinâmicas, diversificadas e significativas.

5.2.1 Autonomia dos estudantes nas aulas de Educação Física

Os dados revelam que, quando os alunos têm a oportunidade de participar do planejamento das aulas, surge neles um sentimento de pertencimento e de responsabilidade. A autonomia, nesse contexto, não se limita à escolha de atividades, mas reflete uma mudança na postura do estudante, que passa a se perceber como sujeito ativo no processo de aprendizagem. Esse protagonismo rompe com a lógica tradicional, na qual o professor é o único detentor do saber, e favorece uma Educação Física mais democrática e significativa. Como destacam Libâneo, Oliveira e Toschi (2012), o planejamento participativo é uma ferramenta potente para promover a gestão democrática e a formação de cidadãos críticos, algo que ficou evidente nas respostas dos alunos que relataram se sentir mais motivados e comprometidos quando suas vozes foram ouvidas no planejamento das aulas.

5.2.2 Percepções limitadas sobre o papel da Educação Física

Grande parte dos estudantes revelou associar a Educação Física exclusivamente à prática de esportes, atividades físicas e momentos de descontração. Essa percepção limitada evidencia que, até aquele momento, muitos não haviam vivenciado experiências pedagógicas que lhes permitissem compreender a amplitude da disciplina. Kawashima (2023) ressalta que, quando a Educação Física é vista apenas como recreação ou espaço para “jogar bola”, isso reflete práticas pouco contextualizadas, que não oferecem aos alunos uma compreensão mais ampla sobre os benefícios da cultura corporal para sua formação integral. Essa visão restrita reforça a urgência da adoção de práticas pedagógicas mais significativas e que dialoguem com os interesses e realidades dos alunos.

5.2.3 Impacto do planejamento participativo na motivação e no engajamento dos estudantes

Os relatos dos alunos demonstram claramente que o planejamento participativo foi capaz de transformar a relação deles com a disciplina. A possibilidade de escolher os conteúdos, sugerir atividades e participar da organização das aulas proporcionou uma nova dinâmica, mais atrativa e inclusiva. Esse modelo favoreceu o aumento do engajamento e da motivação, especialmente daqueles alunos que antes se mostravam desinteressados ou pouco participativos. Como afirmam Souza e Freire (2008), quando o estudante percebe que sua opinião é levada em conta e que ele tem papel na construção do processo, sua participação cresce de forma expressiva, e o processo de aprendizagem se torna mais eficaz e prazeroso.

5.2.4 Valorização das relações sociais e do trabalho em grupo na Educação Física

Os estudantes reconheceram que, mais do que os benefícios físicos, as aulas de Educação Física contribuem de maneira significativa para o desenvolvimento de competências socioemocionais. A interação, o trabalho em grupo, o respeito às diferenças e o fortalecimento dos vínculos interpessoais foram apontados como aspectos que tornam as aulas mais significativas e prazerosas. Isso demonstra que a EF cumpre um papel fundamental na formação para a cidadania, alinhando-se às competências previstas na BNCC, especialmente no que diz respeito à empatia, à cooperação e ao convívio ético e democrático.

5.2.5 Busca por aulas mais dinâmicas, diversificadas e significativas

Os dados indicam, de forma bastante clara, que os alunos desejam romper com a repetição e a mesmice das aulas focadas apenas em esportes tradicionais ou atividades livres sem mediação. Eles anseiam por experiências diversificadas, que incluam não só práticas corporais variadas, mas também reflexões, diálogos e aprendizagens que façam sentido para suas vidas. Kawashima (2023) reforça que, quando os alunos são expostos a práticas diferentes, que provocam sensações novas e ampliam seus repertórios culturais, eles passam a valorizar mais a disciplina e se mostram mais abertos à participação. Isso ficou evidente nas sugestões dos próprios

estudantes, que indicaram interesse em atividades como jogos cooperativos, ginástica acrobática, danças e até discussões sobre temas sociais relacionados à cultura corporal.

6 ANÁLISE: QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO, DIÁRIO DE CAMPO E ENTREVISTA

A análise dos dados obtidos por meio do questionário diagnóstico e do diário de campo, cruzada com as categorias temáticas identificadas a partir das entrevistas, revela aspectos fundamentais sobre a relação dos estudantes do ensino médio com as aulas de Educação Física e os impactos da aplicação do planejamento participativo.

Em relação à autonomia dos estudantes nas aulas de Educação Física, os dados apontam que, antes da intervenção, a maioria dos alunos nunca havia participado da construção das aulas ou sido ouvida no planejamento. Isso foi evidenciado no questionário diagnóstico, em que 32 estudantes afirmaram nunca ter tido a oportunidade de opinar sobre os conteúdos desenvolvidos nas aulas. Entretanto, no momento em que o planejamento participativo foi aplicado, observou-se uma mudança significativa na postura dos alunos, conforme registrado no diário de campo. Ao serem convidados a escolher os conteúdos e assumir responsabilidades na organização das atividades, os estudantes passaram a demonstrar maior comprometimento, desenvolvendo um sentimento de pertencimento e de responsabilidade. Esse movimento foi sintetizado na fala de um dos alunos que afirmou que esse modelo refletia “a vontade da sala”, demonstrando o quanto o protagonismo impacta positivamente a participação e o engajamento dos estudantes.

Contudo, essa autonomia se desenvolveu a partir de um cenário inicial em que os estudantes possuíam percepções limitadas sobre o papel da Educação Física. No questionário diagnóstico, a maioria dos estudantes associava a disciplina à prática de exercícios físicos, saúde e esportes. Foram 30 respostas vinculadas à atividade física e ao bem-estar e 22 diretamente ao esporte, o que demonstra que, até aquele momento, as aulas não proporcionavam uma compreensão mais ampla da EF como campo do conhecimento, cultura e desenvolvimento humano. Essa percepção também ficou evidente nas rodas de conversa, registradas no diário de campo, quando os alunos listaram como aspectos importantes da disciplina apenas elementos como “exercício físico” e “jogar bola”, sem mencionar dimensões educativas, culturais ou reflexivas.

A introdução do planejamento participativo, contudo, produziu transformações relevantes. Dados tanto do diário de campo quanto das falas espontâneas dos alunos durante as atividades demonstraram que a possibilidade de escolher os temas e colaborar com a organização das aulas impactou diretamente a motivação e o engajamento dos estudantes. Enquanto no diagnóstico inicial vários alunos relataram que participavam pouco ou apenas quando necessário — 16 afirmaram participação mediana ou baixa —, ao longo das práticas desenvolvidas com o planejamento participativo, observou-se uma mudança considerável. As turmas se mostraram mais interessadas, atentas e colaborativas, desde o momento da escolha dos conteúdos até a organização dos grupos e execução das atividades.

Outro ponto de destaque foi a valorização das relações sociais e do trabalho em grupo nas aulas de Educação Física, aspecto muito presente tanto nas respostas do questionário quanto nas observações registradas no diário de campo. Os alunos destacaram como aprendizagens fundamentais da disciplina aspectos como companheirismo, respeito, empatia e colaboração. Isso ficou evidente, por exemplo, nas etapas de construção coletiva das atividades, onde precisaram definir funções e colaborar entre si. Os relatos dos alunos indicaram que a experiência do planejamento participativo fortaleceu os vínculos interpessoais e promoveu um ambiente mais colaborativo, inclusive entre aqueles que, em situações anteriores, se mostravam mais isolados ou distantes das atividades.

Por fim, a análise dos dados também revelou, de forma bastante clara, uma busca dos estudantes por aulas mais dinâmicas, diversificadas e significativas. Esse desejo foi identificado no questionário, quando muitos relataram que as aulas seriam melhores se fossem “mais dinâmicas”, “menos livres” e com “atividades diferentes”. Esse anseio ficou evidente no diário de campo, especialmente no momento da escolha dos conteúdos, quando surgiu a proposta da ginástica acrobática, que foge do padrão tradicional das aulas centradas apenas nos esportes coletivos. A participação ativa na construção e execução dessas aulas demonstrou que, quando os estudantes vivenciam práticas mais variadas, contextualizadas e alinhadas aos seus interesses, a Educação Física passa a ser mais valorizada e significativa, deixando de ser vista como um simples momento de lazer e tornando-se efetivamente um espaço de formação integral.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta pesquisa permitem afirmar que o planejamento participativo se configura como uma estratégia pedagógica potente e necessária para transformar as aulas de Educação Física no ensino médio. Ao promover a escuta ativa dos estudantes e permitir sua participação no planejamento das aulas, essa metodologia contribui para a construção de práticas mais significativas, democráticas e alinhadas às necessidades e aos interesses dos alunos.

Ficou evidente que, quando os estudantes se percebem como sujeitos ativos no processo de ensino e aprendizagem, há um aumento no engajamento, no interesse e no desenvolvimento do senso de pertencimento. Além disso, o planejamento participativo favorece o fortalecimento de competências socioemocionais, como cooperação, empatia, diálogo, responsabilidade e respeito, aspectos fundamentais para a formação integral dos seres humanos e para a construção de uma cultura escolar mais justa, inclusiva e colaborativa.

O estudo evidenciou que o planejamento participativo promove um ambiente de aprendizagem mais acolhedor, democrático e colaborativo. Ao permitir que os estudantes participem ativamente da construção das aulas, fortalece-se o protagonismo, o senso de pertencimento e o desenvolvimento de competências como empatia, cooperação, responsabilidade e diálogo. Esse processo contribui para tornar as práticas pedagógicas mais dinâmicas, inclusivas e alinhadas às reais necessidades dos alunos, além de favorecer uma relação mais próxima, respeitosa e significativa entre professor e estudantes.

Como desdobramento desta pesquisa, foi elaborado um Guia Pedagógico para o Planejamento Participativo nas Aulas de Educação Física do Ensino Médio, que se apresenta como um instrumento prático para apoiar docentes na implementação dessa metodologia. O guia organiza as etapas do processo participativo, desde a escuta dos alunos até a avaliação coletiva, oferecendo sugestões, modelos e estratégias que podem ser facilmente adaptados a diferentes realidades escolares. Sua importância reside em aproximar teoria e prática, fornecendo caminhos concretos para tornar as aulas mais democráticas, inclusivas e transformadoras.

Diante disso, sugere-se que novas pesquisas sejam desenvolvidas, buscando aprofundar as discussões sobre os impactos do planejamento participativo em diferentes realidades escolares, considerando variáveis como gênero, diversidade, relações sociais e contextos culturais específicos. Também se recomenda que sejam pensadas propostas de formação inicial e continuada que preparem os docentes para

atuar com metodologias participativas, capazes de atender às demandas de uma Educação Física que vá além da reprodução de práticas esportivas tradicionais.

Assim, conclui-se que o planejamento participativo não é apenas uma metodologia, mas uma prática que reflete um compromisso ético, político e pedagógico com uma educação que valoriza a participação, o diálogo e o

desenvolvimento integral do ser humano, contribuindo, de forma efetiva, para a construção de uma escola mais democrática e significativa.

8 PRODUTO EDUCACIONAL

Como resultado desta pesquisa, propõe-se a elaboração de um *Guia Pedagógico para o Planejamento Participativo nas Aulas de Educação Física do Ensino Médio* (Apêndice C), com o objetivo de subsidiar os professores na construção de práticas pedagógicas mais significativas, democráticas, colaborativas e alinhadas aos interesses dos estudantes.

O guia foi construído com base nos achados da pesquisa, que evidenciaram que o planejamento participativo contribui de forma significativa para o desenvolvimento do protagonismo estudantil, da autonomia, do senso de pertencimento e de competências socioemocionais, como empatia, cooperação, responsabilidade e diálogo.

Descrição das Etapas do Processo de Planejamento Participativo:

- Escuta Ativa dos Estudantes

O processo tem início com uma escuta qualificada e sensível dos estudantes. Neste momento, o professor promove rodas de conversa, dinâmicas ou aplica questionários, com o objetivo de compreender quais são os interesses, preferências, expectativas e até mesmo as dificuldades dos alunos em relação às aulas de Educação Física. Este momento é essencial, pois garante que todos tenham voz e sintam-se parte do processo.

- Organização das Propostas

Após a escuta, o professor sistematiza as sugestões levantadas pelos alunos. Pode ser feito por meio de listagens no quadro, construção de murais ou painéis visuais, onde são agrupadas as práticas corporais sugeridas: esportes, jogos, danças, lutas, ginásticas, atividades recreativas.

- Votação e Escolha dos Conteúdos

Com as propostas organizadas, os alunos participam de um processo democrático de escolha dos conteúdos que serão desenvolvidos no ciclo de aulas. A votação pode ser realizada de forma aberta, por meio de levantamentos de mão, cédulas, formulários ou dinâmicas interativas. Nesse momento, todos compreendem que suas escolhas impactam diretamente a construção do planejamento.

- Planejamento Coletivo das Aulas

Após a definição dos conteúdos, o grupo, junto ao professor, organiza como as aulas acontecerão. São definidas:

- As atividades específicas;
- A sequência das aulas;
- Materiais necessários;
- Espaços a serem utilizados;
- Divisão de funções, como organização dos materiais, mediação das atividades, apoio na preparação, e até pesquisa de informações adicionais.

Para isso, pode-se utilizar um modelo de ficha de planejamento participativo, onde ficam registradas todas essas definições, de forma clara e acessível a todos.

- Execução das Aulas

As aulas são realizadas conforme o planejamento coletivo. O professor atua como mediador e facilitador do processo, enquanto os alunos exercem papéis ativos, seja na condução de parte das atividades, na organização ou na avaliação contínua da prática. O ambiente se torna mais colaborativo, dinâmico e participativo.

- Avaliação Coletiva e Reflexiva

Ao final do ciclo, realiza-se uma avaliação coletiva, que pode ocorrer em roda de conversa, formulário ou painel, onde os alunos refletem sobre:

- O que foi positivo na construção coletiva;
- Quais foram os desafios enfrentados;
- O que poderia ser aprimorado;
- Como se sentiram no processo e nos resultados das aulas.

Essa avaliação não se limita ao desempenho motor, mas se amplia para aspectos como participação, cooperação, autonomia e desenvolvimento das relações interpessoais.

Formato do Produto:

O guia será disponibilizado em formato digital (PDF) e poderá ser impresso. Ele contará com:

- Descrição detalhada de cada etapa;
- Sugestões práticas;
- Modelos de formulários e fichas de planejamento coletivo;
- Exemplos de dinâmicas para escuta e votação;
- Orientações sobre mediação e avaliação participativa.

Finalidade:

O material tem como objetivo oferecer aos professores uma ferramenta prática, simples e acessível, capaz de promover uma mudança significativa na condução das aulas de Educação Física. Busca estimular uma prática pedagógica centrada no diálogo, no protagonismo dos estudantes e na construção de uma educação mais democrática, inclusiva e transformadora.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, W. M.J.; OZELLA, S. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. **Psicologia, Ciência e Profissão**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 222-245, 2006.
- BELTRÃO, J. A.; TAFFAREL, C. N. Z.; TEIXEIRA D. R. A educação física no novo ensino médio: implicações e tendências promovidas pela reforma e pela BNCC. **Revista Práxis Educacional**, Bahia, v. 16, n. 43, p. 656-680, 2020.
- BORDENAVE, J. E. D. **O que é participação**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BRASIL. Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 248, p. 27833-27841, 23 dez. 1996.
- BRASIL. Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Altera as Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 e 11.494, de 20 de junho de 2007, e a Consolidação das Leis do Trabalho – CLT. **Diário Oficial da União**, 17 de fevereiro de 2017, p. 1-3.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Educação é Base – Ensino Médio. Brasília: MEC, 2018a.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília: MEC, 2018b.
- COLLIER, L. S. Planejamento participativo em educação física escolar e a construção de um currículo multicultural. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 2158-2175, 2014.
- CORREIA, W. R. Planejamento participativo e o ensino da Educação Física no 2º grau. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 43-48, jan. 1996.
- COSTA, M. L. F. **Apontamentos sobre Educação Integral, Programa Mais Educação, Programa Segundo Tempo e Educação Física Escolar**. 2015. 135f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2015.
- DA SILVA, A. C.; RODRIGUES, G. M.; DOS SANTOS FREIRE, E. Educação Física no ensino médio: as percepções dos estudantes sobre as aulas. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 20, n. 4, 2017.

FRANÇA, A. B. **A evasão das aulas de Educação Física no ensino médio: um comparativo entre público e privado.** 2018. 30f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. 2018.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo.** 2. ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 2019.

GOMES, C. A. O. Planejamento participativo e novos sentidos para Educação Física no Ensino Médio: experiências de uma escola estadual. In: SEMINÁRIO DE METODOLOGIA DO ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 5. **Anais...** São Paulo, USP, 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **São Caetano do Sul.** Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sp/sao-caetano-do-sul.html>. Acesso em: 04 maio 2024.

JUCÁ, L. G.; MALDONADO D. T.; BARRETO S. M. Na corda bamba de sombrinha: a Educação Física no fio da história na base nacional comum curricular do ensino médio. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 35, n. 66, p. 01-17, 2023.

KAWASHIMA, L. B. **Sentidos e significados da Educação Física para os alunos do IFMT – Campus São Vicente: a pesquisa-ação como forma de construção coletiva de conhecimentos.** 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2018.

KAWASHIMA, L. B. Sentidos e significados da Educação Física para os alunos do Ensino Médio. **Ambiente: Gestão e Desenvolvimento**, [S. l.], p. 172–202, 2023.

KAWASHIMA, L. B.; MOREIRA, E. C. (orgs.). **Educação física no ensino médio: reflexões e práticas exitosas.** Cuiabá: EdUFMT - Editora da Universidade Federal de Mato Grosso, 2020.

LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA, J. F.; TOSCHI, M. S. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização.** 10. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

LIMA, R. R. Para compreender a história da educação física. **Educação e Fronteiras, Editora Dourados**, v. 2, n. 5, p. 149-159, 2013.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. Colégio Universitário Municipal de São Caetano do Sul – USCS, São Caetano do Sul, 2024.

SANTOS, M. A. B; FERNANDES, M. P. R.; FERREIRA, H. S. A disciplina de educação física no ensino médio: reflexões sobre a prática docente. **Revista Online de política e gestão educacional**, Araraquara, v. 22, n. 3, p. 1113-1123. 2008.

SCHULZ, L. **A construção na participação na fala-em-interação de sala de aula:** um estudo micro etnográfico sobre a participação em uma escola municipal de Porto Alegre. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade Federal de Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

SILVA, P. A. **Planejamento participativo nas aulas de Educação física escolar:** significados existentes nesta proposta. 2020. 146f. Dissertação (Mestrado em Educação: Currículo) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Currículo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

SOUZA, A. G.; FREIRE, E. S. Planejamento participativo e educação física: envolvimento e opinião dos alunos do ensino médio. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 7, n. 3, p. 29-36, 2008.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez, 1986.

WEBER, F. A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou por que censurar seu diário de campo? **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 157-170, 2009.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE SONDAGEM

Nome: _____ Turma _____

1- Qual o significado da educação física para você?

2- Como foram suas aulas de Educação Física durante o Ensino Fundamental?

3- Como o professor conduzia a aula? Ele pedia a opinião dos alunos sobre o que iria ser feito?

4- Como é a sua participação nas aulas de educação física?

5- Como as aulas poderiam se tornar mais significativas?

6- Você já participou de aulas onde o aluno opinou sobre as atividades que são desenvolvidas pelo professor? Se sim, qual a sua opinião sobre isso?

7- Você sabe o que é currículo participativo? Se sim, o que você acha sobre esse tipo de participação?

APÊNDICE B – RESPOSTAS DAS ENTREVISTAS

1- Antes das aulas que tivemos, você conhecia o Planejamento Participativo? Se sim, o que você conhecia a respeito e o que achava das aulas de EF que utilizavam dessa maneira de realizar as aulas. Se não, qual era a sua opinião sobre as aulas de EF?

Estudante 1: Conhecia, porém não sabia que o nome era planejamento participativo. Conhecia como se fosse uma educação positiva, o professor dava opções e os alunos escolhiam o que ia ser feito, achava que era mais legais pois os alunos tinham mais poder de escolha, me sentia superior.

Estudante 2: Não pelo nome, depois que você explicou eu sabia o que era, mas nunca tinha feito. Antes do Planejamento Participativo, eu já gostava das aulas, mas depois eu gostei mais porque quando a gente consegue escolher o que quer, quando tem a votação.

Estudante 3: Conhecia, por causa que no ensino fundamental a gente sempre montava as coreografias da festa junina, as funções de cada um. Em relação, aos conteúdos, nós escolhemos as atividades.

Estudante 4: Não. Achava as aulas de EF chatas porque não gosto de me exercitar, mesmo indo para academia, as aulas de Ef são obrigatórias por isso se tornam chatas.

Estudante 5: Não, tinha a ideia que a EF era muito repetitiva. Dividida a quadra no meio e era metade vôlei e metade futebol o ano inteiro, as vezes era aula livre. Mas, nunca tive nem imaginei ter uma aula de ginástica.

Estudante 6: Não. A imagem que eu tinha era que devíamos participar mais das aulas, eu participo, falo dos outros.

Estudante 7: Não, uma matéria para sair, se divertir, fazer algum esporte

Estudante 8: Não conhecia. Eu não participava das aulas, eu não gosto muito das aulas de EF, por conta também da minha saúde, minha asma ataca com frequência.

Estudante 9: Não, agora minha visão sobre a EF melhorou porque antes eles passavam as coisas e a gente só fazia.

Estudante 10: Na minha antiga escola nunca tinha feito isso. Então, eu achava a EF meio complicada, algo autoritário, a professora da minha outra escola mandava

a gente fazer e tinha muitos alunos que não queriam fazer e eram obrigados a participarem das aulas e às vezes a pessoa não tinha tanta facilidade com o esporte que ela escolhia e era obrigado a participar, por exemplo handebol, a maioria das pessoas da minha sala não gostava de handebol, mas tinham que fazer. Minha visão não era positiva.

2- Durante as aulas com o Planejamento Participativo, você sentiu mais vontade de participar? Se sim, o que exatamente fez a diferença para você?

Estudante 1: Sim, ficar fazendo aula no sol é muito ruim, quando escolhemos o ambiente de aula ficou bem melhor, porque é mais legal usar os aparelhos de ginástica, queimada também é legal, com tipos de queimada e nós escolhemos qual seria.

Estudante 2: Sim, principalmente porque foi o tema que eu escolhi. Foi muito legal fazer as pirâmides.

Estudante 3: Senti, mas participei da teoria. Até senti vontade de fazer os exercícios.

Estudante 4: Sim, porque gostei do que estava fazendo, eu escolhi o que estava fazendo.

Estudante 5: Sim, por conta da dinâmica ser diferente. Vôlei e futebol era cansativo.

Estudante 6: Sim, eu senti que fiquei mais incluída nas aulas. Eu fiquei responsável pela parte da mídia.

Estudante 7: Sim, acho que a gente sente que pertence mais na aula, não é algo solto.

Estudante 8: Sim, eu achava mais legal, era mais interessante, a gente poder escolher, decidir o que vamos fazer do que algo já programado.

Estudante 9: Sim, quis participar muito. Porque eu comecei a entender sobre a EF e quis aprender mesmo.

Estudante 10: Sim, com certeza. Porque a gente pode criar nossos jogos e participar. Foi divertido e diferente. A gente participou mais, se engajou mais.

3- Houve momentos em que você se sentiu mais envolvido ou motivado do que em outras atividades? Se sim, o que contribuiu para isso? Se não, o que foi

semelhante?

Estudante 1: Não, sempre senti igual... Porque sempre participei das aulas. Mesmo com o conteúdo da ginástica que eu não gostava, mas comecei a fazer e me surpreendeu, ficar fazendo cambalhotas, usar o trampolim.

Estudante 2: Sim, nós escolhemos e então ficamos mais motivados a fazer a aula, mais abertos a fazer a aula.

Estudante 3: Sim, eu fiquei com a parte da teoria, mas devia ter escolhido em ficar com a parte de mostrar os alongamentos porque eu me alongo todos os dias e já estou acostumada.

Estudante 4: Sim, porque eu estava gostando do que eu estava fazendo.

Estudante 5: Sim, mesmo que fiz parte do grupo da mídia, eu me senti mais motivada por estar fazendo algo que escolhi.

Estudante 6: Sim, a aula que era para gente participar mais e porque a aula foi em grupo.

Estudante 7: Acho que sim, quando a gente tá competindo mais, a gente sente que está mais dentro da aula, de participar.

Estudante 8: Sim, a minha função era mídia e eu gosto muito dessa parte de tirar fotos, fazer vídeos, então foi bem interessante, me deu mais vontade de fazer as coisas de participar. Foi bem legal.

Estudante 9: Não, a ginástica acrobática não é um tema que me chamou atenção, Participar da mídia ajudou um pouco, mas não gosto deste tema.

Estudante 10: Olha, eu sempre participei muito das atividades. Era um esporte ou outro que eu não tinha tanta facilidade, não que eu não gostasse. Sempre estive bem envolvido, engajado com as aulas. Eu acredito, é uma coisa minha, eu gosto de competir, independente do jogo, da atividade, eu sempre vou querer estar lá participando, competindo.

4- Você enfrentou alguma dificuldade para participar das aulas? O que poderia ter sido feito para tornar sua experiência ainda melhor?

Estudante 1: Não, somente a dor no joelho. Sempre participo das aulas, não vejo dificuldades. Para se tornar melhor, os alunos que estavam responsáveis por organizar (parte teórica) poderiam ter se organizado melhor.

Estudante 2: Não. O grupo da mídia podia ter se dedicado mais. Outra coisa,

podia ter feito o Planejamento Participativo antes, com mais tempo, por exemplo em agosto.

Estudante 3: Não, o grupo que eu fiquei para desenvolver a atividade já eram meus amigos então foi fácil a comunicação.

Estudante 4: Não, foi tranquila. Eu teria gravado mais momentos.

Estudante 5: Não, eu acho que podíamos melhorar a organização. O meu grupo da mídia precisava se organizar melhor, em um dia eu gravei no outro foram outras pessoas, tínhamos que ter conversado entre nós.

Estudante 6: Não, a aula foi totalmente boa. Talvez o tempo foi curto, podia ter tido mais tempo. Podia ter mais conversa entre os grupos.

Estudante 7: Não, só na hora de entender a atividade que foi difícil, a explicação. Depois ficou fácil. Acho que eles deveriam ter uma didática melhor (grupo da teórica).

Estudante 8: Na aula participativa não senti nenhuma dificuldade.

Estudante 9: Sim, ginástica acrobática não é um tema que eu gosto que eu quis participar, me envolver. Eu queria o tema vôlei.

Estudante 10: Nenhuma dificuldade. A atividade foi bem tranquila. Acho que podia ter escolhido outra atividade, não a do vôlei sentado. Mas, tudo bem, foi divertido. Cada um conseguiu fazer seu papel de maneira correta, quem era da mídia, da torcida, de explicar a atividade, e a minha parte da prática também. Foi tudo muito tranquilo, todo mundo participou e escolheu o que queria fazer.

5- Como foi a experiência de escolher os conteúdos das aulas? Você sentiu que sua opinião foi realmente considerada?

Estudante 1: Foi legal, a gente se sente mais superior, sentimento de comando maior. Ah foi considerada, mas infelizmente a maioria ganhou, venceu a ginástica, eu votei no futebol.

Estudante 2: Foi legal, a gente se sente mais participativo, se sente incluído, fazendo parte da aula.

Estudante 3: Foi muito interessante, porque nas outras vivências da EF as aulas eram sempre voltadas para os esportes com bola. Não tive aulas que eram de outros esportes. Sim, porque eu escolhi o exercício que os grupo da prática teve que fazer.

Estudante 4: Foi daora, ouvimos a opinião de todos. Chegamos em um consenso.

Estudante 5: Foi boa, achei que ninguém fosse participar da dinâmica, inclusive por ser ginástica. Foi chocante ver os meninos do futebol fazendo ginástica. Sim, na verdade na hora de gravar eu que fiquei responsável em fazer.

Estudante 6: Gostei, senti que minha opinião foi bastante considerada.

Estudante 7: Foi bem legal, acho que é algo que deveria se repetir mais vezes. Sim, sinto que minha opinião foi levada em conta porque eu escolhi fazer parte do grupo da prática.

Estudante 8: Para escolher eu não tive tanta opção porque foi votação. Mas, eu votei na ginástica mesmo. Sim, senti que minha opinião foi considerada.

Estudante 9: Foi bom, a oportunidade foi legal. Não senti que minha opinião foi considerada porque ganhou a ginástica acrobática, não foi o tema que escolhi, mas está tudo bem.

Estudante 10: Foi essencial para gente ter uma reta para seguir. O projeto final, foi uma coisa muito bacana. Como foi uma coisa democrática sim, não foi o tema que eu escolhi, mas tivemos a votação e foi justo. Eu votei no vôlei.

6- O fato de poder decidir sobre as atividades mudou sua forma de enxergar a Educação Física? De que maneira?

Estudante 1: Não, porque para mim a EF sempre foi legal e poder escolher o conteúdo só deixou a disciplina mais legal.

Estudante 2: Acho que sim, as aulas foram mais produtivas, juntamos mais as pessoas da sala, teve mais produtividade de todo mundo porque pudemos escolher nossas funções, quem fica no teórico, quem fica na prática... Foi considerada a nossa opinião, porque a pessoa que não gosta tanto da parte prática pode escolher ficar na parte teórica e isso foi mais confortável.

Estudante 3: Não, eu já tinha uma ideia mais concreta da EF. Eu sempre tive certeza sobre a EF, é sobre conhecer o seu corpo, tirar os alunos da sala, ajudar a tirar do sedentarismo, conhecimento do esporte. Tenho uma visão positiva da EF.

Estudante 4: Foi mais legal do que ter que fazer o que mandam, participei mais.

Estudante 5: Acho que sim, antes era muito regrado e repetitivo. Com essa dinâmica tivemos mais liberdade.

Estudante 6: Não muito, porque eu sempre participei.

Estudante 7: Talvez sim, a gente sente que está junto com o professor, que a gente faz parte da aula e o professor não impõe. Não existe aquele patamar de professor-aluno, fica tudo equilibrado, é mais legal.

Estudante 8: Mais ou menos, porque me deu mais prazer, vontade de participar das aulas...

Estudante 9: Sim, a opção dos alunos escolherem o conteúdo que eles querem foi uma boa.

Estudante 10: Antes de vir para cá eu via a EF com algo muito autoritário. A única coisa que a antiga professora deixava eram 10 minutos livres. O planejamento participativo foi muito bom para alinhar a vontade da sala com o que íamos fazer, a forma que você conduziu as aulas foram muito boas, não é a toa que todo mundo participou.

7- Se você pudesse modificar o planejamento participativo para melhorar a experiência, o que acrescentaria ou mudaria?

Estudante 1: Os alunos precisam dar 100% deles, porque a parte de organização deixou a desejar, podia ser com pontuação. Se não organizasse bem, perderia ponto. Faltou um pouco de vontade dos alunos que ficaram responsáveis pela parte teórica da atividade.

Estudante 2: Acho que ficou bom, só acho que deveria ter mais tempo para planejar a atividade.

Estudante 3: Eu mudaria as pessoas de função, as pessoas meio que escolheram o que “sobrou” e fizeram mal feito. E não acredito que isso mude a autonomia dos alunos porque alguns alunos falaram para mim que queriam ter feito parte de outros grupos, porque escolheram pela amizade e não pelo que eles gostam e também acho que devíamos ter mais tempo para planejar.

Estudante 4: Nada, acho que colocaria mais a opinião dos alunos. No jogo, eu acho que devia ter uma votação para toda a sala, não só o pessoal da teórica escolher o jogo. Além do tema, escolher a atividade.

Estudante 5: Acrescentaria um dia a mais para organização. Porque foi muito corrido, fazer em um dia mais letivo, novembro o pessoal já estava indo viajar e já tinha passado as provas. Acho que no meio do ano.

Estudante 6: Eu perguntaria individualmente, às vezes com a sala toda as

peças não dão a sua opinião mesmo. No coletivo meio que vai na opinião do outro e não no que era a minha opinião.

Estudante 7: Eu acho que se a gente pudesse sempre escolher as aulas, seria melhor.

Estudante 8: Eu acho que nada. Porque além da gente participar, uniu a sala, por exemplo, eu não era amiga do aluno X e como ele também era da mídia nos começamos a conversar.

Estudante 9: Acho que foi perfeito, só mudaria o tema.

Estudante 10: A divisão dos grupos foi tranquila, cada um escolheu o que queria fazer... Sei lá, uma divisão de tarefas mais específicas, quem vai gravar ou não, quem vai editar. Se não fosse algo tão genérico, algo mais específico, mas não ficou ruim... Não estou discordando do que você fez.

8- Como você percebeu a interação com seus colegas durante esse processo? O planejamento participativo ajudou a fortalecer relações ou melhorar o trabalho em equipe? Se sim, como?

Estudante 1: A sala era dividida em dois grupos, lado A e B. Aí na parte de fazer a atividade misturou tudo e foi bom para interagir com todos. As relações melhoraram entre os alunos.

Estudante 2: Melhorou muito, deu uma misturada na sala, fortaleceu as relações. Fiquei amiga de um pessoal da sala que eu não era antes, por conta dessa atividade.

Estudante 3: Melhorou, o povo se odiava bastante e como teve que misturar tudo, tiveram que se comunicar.

Estudante 4: Todo mundo se ajudou, cada um fez a sua parte. Não mudou a relação do pessoal da sala.

Estudante 5: Foi boa, bem melhor do que esperava. Diferente das aulas, que o povo ficava separado, nesta dinâmica todo mundo precisou ficar junto.

Estudante 6: Teve uma boa interação com a sala inteira. Melhorou muito a interação da sala porque os grupinhos se misturaram, as panelas foram desfeitas.

Estudante 7: Foi bem forte, ninguém repudiou... A gente queira ficar jogando por mais tempo. Talvez sim, da gente conversar mais sobre tudo, ter um ato mais democrático. Porque às vezes uma pessoa tem a voz mais forte e acaba influenciando os outros.

Estudante 8: Foi bem legal, interagimos bastante, rimos bastante e foi importante para união da sala em todas as partes, teórica, prática... Melhorou nossa forma de interagir com os outros, conversamos mais entre nós, descobrimos gostos parecidos.

Estudante 9: Foi bom, conviver e interagir com os outros. Foi uma boa oportunidade.

Estudante 10: Olha a minha parte foi a participação, como já disse que gosto de competição contra meus colegas e com certeza fortalece as relações. Por exemplo, eu não conversava com uma pessoa do time adversário, mas durante o jogo a gente se zouu, se divertiu e levamos isso para fora da atividade, também. Foi saudável.

9- O planejamento participativo ajudou a melhorar a comunicação e cooperação entre os alunos?

Estudante 1: Ajudou, no começo a parte teórica estava dispersa... Mas, foi melhorando aos poucos.

Estudante 2: Com certeza, a gente foi obrigado a se comunicar entre nós, mas foi muito bom.

Estudante 3: Ajudou, a gente teve que conversar mais. Ficou um clima mais leve na sala.

Estudante 4: Sim, um foi ajudando o outro no meu grupo, a gente se dividiu e cada um foi gravando uma parte. Depois da aula não tivemos mudanças.

Estudante 5: Sim, com certeza. Tinha gente na sala que eu não interagia, não conversava e com a dinâmica eu conversei. Ajudou, foi algo natural a melhora da relação, depois do planejamento participativo a sala ficou mais junto.

Estudante 6: Sim, por tudo que já falei.

Estudante 7: Acho que sim, por ser mais equilibrado. Uma pessoa que é mais tímida pode conseguir expor mais a sua opinião.

Estudante 8: Como foi mais para o final do ano mais ou menos, se fosse no começo do ano ajudaria muito mais.

Estudante 9: Ajudou, estabelecer o que cada um deve fazer. Foi muito bom para integrar o conceito do trabalho em grupo, juntou a prática e a teórica.

Estudante 10: Acho que sim, não pelo meu ponto de vista, pelo ponto de vista dos outros. Por exemplo o grupo que elaborou a atividade, eles estavam bem

engajados, levaram bem a sério a atividade, conversando sempre. Então, por eles sim.

10- Você sente que aprendeu mais sobre Educação Física com essa experiência? Se sim, o quê?

Estudante 1: Sim, porque a gente pode praticar temas diferentes. EF é conhecer mais sobre o corpo, tipo a coordenação motora e com essa atividade podemos desenvolver.

Estudante 2: Sim, o tema da ginástica foi diferente. Os meninos que tinham votado no futebol e perderam para ginástica, não tinham gostado na hora da votação, mas depois de fazer a aula, curtiram muito.

Estudante 3: Não, como já falei antes eu já tinha uma ideia mais concreta sobre a EF. Já tinha uma visão positiva e isso não mudou.

Estudante 4: Não, porque eu não sei o que eu poderia ter aprendido. Eu aprendi sobre o jogo que fizemos, prestei atenção nas regras, aprendi sobre a didática e sobre os outros jogos que o grupo estava pensando em fazer.

Estudante 5: Sim, aprendi sobre planejamento. Planejar uma aula, coordenar... Como organizar. Fazer parte de tudo.

Estudante 6: Aprendi que devemos trabalhar em equipe nas aulas de Ef e não ficar somente nos nossos grupinhos e fazer o que a gente realmente gosta.

Estudante 7: Sim, acho que aprendi mais a ver o lado do outro, A gente é dividido em bolhas, eu por exemplo sou do nicho do futebol e às vezes a gente não está disposto a conhecer as pessoas de outros nichos. Então, nesse tipo de projeto/aula a gente consegue conhecer melhor os outros.

Estudante 8: Um pouco sim, a gente precisou aprofundar mais no conhecimento do esporte que conhecemos.

Estudante 9: Sim, pelas perguntas que fizeram durante o processo de escolha dos conteúdos.

Estudante 10: Com certeza, a gente poder expressar o que a gente quer fazer, a nossa vontade. Ter essa liberdade, sim, totalmente. A EF vai muito além do que o esporte, de ir para uma quadra e chutar bola. É o trabalho em equipe, entender e respeitar o outro. É muito mais que jogar bola.

11- Se pudesse comparar suas aulas antes e depois do planejamento participativo, quais seriam as principais diferenças no seu aprendizado e envolvimento?

Estudante 1: A comunicação entre os alunos melhorou.

Estudante 2: Eu gosto das suas aulas teóricas, mas é muito legal quando a gente escolhe o tema e aí descobrimos um tema novo e conseguimos se envolver mais, participar mais.

Estudante 3: Antes a gente tinha que fazer coisas que não gostava como os esportes com bola e eu sempre gostei da teoria, então foi melhor assim.

Estudante 4: Eu participei muito mais da aula, não me senti obrigada a fazer as coisas porque eu escolhi o que ia fazer que é filmar, tirar fotos, editar vídeos.

Estudante 5: Antes era muito regrado, repetitivo, cansativo... não sentia que aprendia. Com o planejamento participativo foi mais complexo, aprendemos desde o básico da ginástica, a como gravar... pesquisar, foi muito mais legal.

Estudante 6: O envolvimento seria que antes eu não estava tão envolvida com a sala toda e depois me envolvi com todos e com a EF eu fiquei mais motivada a participar,

Estudante 7: Acho que como falamos da comunicação, me envolvi com as outras pessoas da sala.

Estudante 8: Primeiro que eu tive vontade de participar da aula, coisa que não acontecia antes.

Estudante 9: A questão de mudança, que o professor só passava o que tínhamos que fazer e agora a gente pode escolher o que estudar. Me sinto mais envolvido, sinto vontade de participar, não é algo implantado.

Estudante 10: Olha eu não seria tão engajado nas aulas. Antes não tinha tanta vontade de fazer as atividades, não era tanto por mim e sim pelos outros, quando via que eles não queriam fazer a atividade, aí desmotivava, porque não queriam jogar e acabava desanimando. Mas, com o planejamento eu vi que as pessoas se engajaram, com mais vontade de participar e fica uma coisa mais saudável de fazer, participar.

12- Você acredita que essa abordagem poderia ser utilizada em outras disciplinas? Por quê?

Estudante 1: Sim, por exemplo matemática escolher entre fazer os exercícios em casa ou começar na sala e terminar em casa ou fazer tudo na sala. Em relação

aos conteúdos, se pudéssemos escolher os temas e não fossem os mesmos seria legal, menos cansativo.

Estudante 2: Sim, porque é muito melhor a gente poder escolher o que quer aprender, o que temos interesse, não algo que a gente é forçado a aprender.

Estudante 3: Ao mesmo tempo que sim, também que não. Porque os alunos, como por exemplo o itinerário que eu estou é o de matemática e os alunos mesmo escolhendo o seu itinerário continuam reclamando da matéria que é chata. O plano de estudos é importante, porque caí no Enem e precisamos estudar. Acho que o professor podia perguntar o que é útil para nós, por exemplo o professor de Projeto de Vida falou sobre as faculdades.

Estudante 4: Sim, porque é muito mais legal de se fazer.

Estudante 5: Sim, porque a gente não só obedeceria, faria parte de tudo. Aula de Florence, aula de agroecologia... Podíamos escolher o que a gente quer aprender, estudar algum tipo de planta diferente, ir no mato, As aulas de itinerário são diferentes e dão abertura para isso. Em matemática também seria possível, educação financeira... Algo que faz sentido para nós.

Estudante 6: Sim, podíamos usar com alguma matéria de humanas que pede mais opinião que a gente pode falar mais.

Estudante 7: Acho que sim, por exemplo que biologia é uma matéria que tem muita diversidade e podíamos aplicar o projeto participativo.

Estudante 8: Acho que depende muito da disciplina, por exemplo as aulas de itinerário sim, e seria bem legal. As de base comum eu acho que não dá, as disciplinas mais clássicas funcionam bem da forma que está e também vejo que alguns professores dessas matérias gostam do jeito que está.

Estudante 9: Sim, na parte de humanas. Porque a parte de humanas é viver, tipo a EF. Tem a parte teórica e prática. Exatas não combinaria. Talvez biologia na parte da natureza.

Estudante 10: Sim, a gente poder comentar, escolher o que a gente quer. Por exemplo sociologia, poder escolher um tema que a gente quer falar da atualidade, fazer um debate. Aula de história sobre eventos históricos que estão acontecendo ou já aconteceram. Algo mais dinâmico.

13- Se tivéssemos outra oportunidade de planejar as aulas, o que você faria diferente?

Estudante 1: Melhorar a comunicação da parte teórica entre os alunos, o pessoal da foto não estava preparado para tirar a fotografia, o pessoal da teórica mudava no meio da atividade o que seria feito, o pessoal da música não prestava atenção nas músicas que colocava.

Estudante 2: Começaria o planejamento mais cedo.

Estudante 3: Só a parte da divisão, acho que teriam que escolher melhor as funções, deve ter tido gente que não terminou feliz.

Estudante 4: A gente podia tentar chegar em um consenso muito melhor da atividade. Abrir a votação da atividade para a sala.

Estudante 5: Mais tempo para planejar, duas aulas a mais.

Estudante 6: Eu talvez mudaria a minha função, não ficaria na mídia. Acho que iria para líder de torcida.

Estudante 7: Acho que nada, eu gostei de tudo. Acho que gostaria de mudar a minha função, ser do grupo da teórica, passar a atividade.

Estudante 8: Acho que nada. Acho que separar mais, ter um limite de pessoas em cada grupo ou mudar as funções em uma próxima oportunidade.

Estudante 9: Talvez mudar para parte de participação, mas não com esse conteúdo da acrobática.

Estudante 10: Acho que mudaram a minha função, mas não sei, eu gosto muito da parte prática.

14- Você recomendaria essa experiência para outras turmas? Por quê?

Estudante 1: Sim, porque ajudou na comunicação de uma sala caótica, totalmente dividida como era a minha, com certeza irá ajudar outras salas.

Estudante 2: Sim, porque da mesma forma que juntou a nossa turma, pode unir as outras salas.

Estudante 3: Sim, uniu todo mundo e é legal.

Estudante 4: Sim, é legal, dá vontade de participar das aulas.

Estudante 5: Com certeza, foi muito mais interessante, mais chamativo, tem um poder maior de fala.

Estudante 6: Recomendaria, achei que foi muito bom e pude participar mais das aulas.

Estudante 7: Sim, acho que essas aulas ficam mais dinâmicas, a gente acaba

se soltando mais com todo mundo. Todo mundo está junto, se não entendeu, explica. Não tem aquele sentimento de medo que às vezes temos com os professores, não tem medo de ser taxado.

Estudante 8: Sim, principalmente para o 1º ano porque eles não se conhecem ainda, então seria uma forma deles interagirem, fazer amizades, ficarem mais juntos, se conhecerem mais.

Estudante 9: Sim, EF foi muito implantada pelas modalidades tradicionais e com essa oportunidade a gente aprende mais, vê temas diferentes.

Estudante 10: Sim, porque o planejamento participativo é fundamental, ouvir a opinião do outro, saber o que os alunos estão com vontade fazer, sim!

15-O que essa experiência significou para você em relação à aprendizagem, autonomia e envolvimento escolar?

Estudante 1: Melhorou a comunicação entre todos da sala, a gente aprendeu a trabalhar em equipe. Muito bom, não só para escola, mas para a vida.

Estudante 2: Sim, aprendi mais porque pegamos um tema específico e nós da teórica tivemos que pesquisar sobre, todo mundo que era da prática teve que seguir as instruções e a gente aprende mais. Foi muito melhor, se sentir incluído na matéria, poder escolher.

Estudante 3: Aprendi mais porque era algo que eu não pesquisava. E percebi que não é fácil, na internet parece fácil mas não é. A autonomia continua igual e meu envolvimento escolar continua o mesmo.

Estudante 4: Aprendi mais sobre EF, o jogo que propuseram. Me senti mais autônoma, porque se eu não fizesse a minha parte não ia ter alguém para fazer. Eu participei mais da aula de EF.

Estudante 5: Foi essencial para ter a experiência para ter uma aprendizagem de forma diferente. A EF é meio que repetitiva, tem a dinâmica igual das outras matérias, com essa aula foi muito melhor, aprendia mais. Me tornei mais autônoma, consegui me expressar, ouviram minha opinião. Meu envolvimento escolar foi neutro, não mudou muito.

Estudante 6: Foi muito bom porque tive mais envolvimento com a turma, me envolvi mais com a EF e participei mais das aulas.

Estudante 7: Eu acho que conheci novas bolhas, eu descobri que tem duas meninas da nossa sala que são do atletismo... Coisas que em um ano na sala não

sabia. Me tornei mais autônomo, com um “cargo” maior e me levou a ter um envolvimento melhor com as aulas e com a escola.

Estudante 8: Foi bem interessante, foi diferente porque nunca tinha feito isso antes. Na outra escola eu não tinha um professor fixo de EF, sempre mudava ou era um substituto e não tínhamos uma continuidade da disciplina.

Estudante 9: Me ensinou a buscar mais sobre o tema, a querer aprender mesmo, descobrir a ginástica acrobática, experimentar modalidades novas. Mais interativo.

Estudante 10: Na minha parte prática foi aprender sobre as regras, entendê-las, compreender o seu papel lá, a autonomia de exercer a sua função e a parte escolar de estar pensando no convívio com as pessoas, principalmente com você, a professora.

APÊNDICE C – GUIA PEDAGÓGICO PARA O PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO



Guia Pedagógico para o Planejamento Participativo

Educação Física no Ensino Médio: Transformando aulas com o protagonismo estudantil.

por Janaina Mayumi

Made with GRAMMA

Introdução ao Guia

Apoio ao Professor

Este guia visa apoiar professores de Educação Física.

Implemente o planejamento participativo em suas aulas.

Aulas Significativas

Promova aulas mais significativas e democráticas.

Alinhe o conteúdo aos interesses dos estudantes.



Objetivos do Guia



Apoiar Práticas

Apoiar práticas pedagógicas participativas.



Fortalecer Protagonismo

Fortalecer o protagonismo e a autonomia dos alunos.



Oferecer Instrumentos

Oferecer instrumentos práticos para o planejamento.



Promover Educação Democrática

Promover uma Educação Física democrática e significativa.

Made with GRAMMA

Etapas do Planejamento Participativo



Escuta dos Estudantes

Coleta de ideias e interesses.



Organização das Propostas

Agrupamento de sugestões e temas.



Votação dos Conteúdos

Escolha democrática dos temas.



Planejamento Coletivo

Definição de detalhes com ficha colaborativa.



Execução das Aulas

Aulas realizadas com mediação docente.



Avaliação Coletiva

Reflexão sobre o processo e resultados.

Made with GRAMMA



Escuta dos Estudantes

Rodas de Conversa

Promova diálogos abertos para que os alunos expressem suas opiniões sobre as aulas.

Dinâmicas Interativas

Utilize atividades lúdicas para estimular a participação e a criatividade.

Questionários Detalhados

Aplique questionários para coletar interesses e expectativas de forma organizada.

Made with **GAMMA**

Organização das Propostas

Esportes Coletivos

Atividades Individuais

Jogos Populares

Saúde e Bem-estar

Após a escuta, agrupe e sistematize as propostas. Isso facilita a visualização dos temas e organiza a votação.



Votação dos Conteúdos

1

Escolha Democrática

Permita que os alunos votem nos conteúdos preferidos para as aulas.

2

Diversidade de Práticas

Incentive a escolha de diversas práticas corporais.

3

Maioria Simples

Utilize a maioria simples para definir os temas mais votados.

A votação fortalece a autonomia e o senso de pertencimento dos estudantes. Assegure um processo justo.



Planejamento Coletivo

Definição de Datas

Alunos e professor definem juntos o cronograma das atividades.

Materiais e Espaço

Decidam quais materiais e espaços serão utilizados em cada aula.

Distribuição de Funções

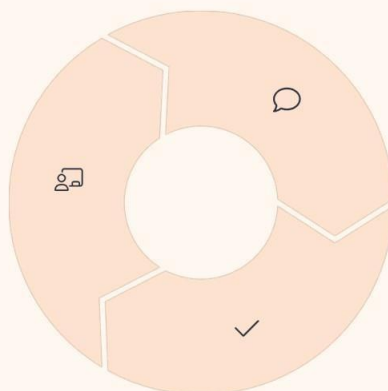
Designem responsabilidades para cada aluno, como organização e liderança.

Ficha Colaborativa

Usem uma ficha modelo para registrar o planejamento detalhadamente.

Execução das Aulas

Mediação Docente
O professor atua como mediador, orientando e facilitando as atividades.



Protagonismo Ativo

Os alunos conduzem as práticas, aplicando o que planejaram.

Flexibilidade Necessária

Esteja pronto para adaptar o plano conforme a necessidade.

A execução das aulas é o momento de colocar em prática o planejamento conjunto. O professor garante a segurança e o aprendizado.

Made with **GRANNA**

Avaliação Coletiva



Pontos Positivos

Identificar o que funcionou bem e os sucessos.



Desafios

Analisar as dificuldades encontradas.



Melhorias

Propor ações para aprimorar futuros planejamentos.

A avaliação coletiva é crucial para o aprimoramento contínuo. Use rodas de conversa ou formulários de feedback.



ANEXO A – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)



Olá, tudo bem com você?

Quero convidá-lo(a) para fazer parte de uma pesquisa. Os seus pais ou responsáveis sabem que estamos convidando você para participar deste estudo.

Para isso, antes de responder às perguntas relacionadas ao estudo, apresentaremos o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE).

Muito obrigado(a)!

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

Meu nome é Janaina Mayumi Oshiro Ihara e meu trabalho é pesquisar "A compreensão dada pelos alunos do Ensino Médio às aulas de Educação Física". Quero saber qual o entendimento que você possui sobre as aulas de educação física.

Você pode escolher se deseja ou não participar. Seus pais ou responsáveis legais concordaram que você participe desta pesquisa, mas não tem nenhum problema se você não quiser responder as questões, ou se quiser desistir no meio do questionário, ou até depois de responder as questões. Serão necessários uns 5 minutos para você responder. Os dados serão removidos da "nuvem" após a coleta e arquivados no computador pessoal do(a) Janaina Mayumi Oshiro Ihara. Por isso, não se preocupe. Não daremos a estranhos as informações que você nos der. Os seus dados pessoais, como por exemplo seu nome, sua idade, etc.) não serão divulgados.

A pesquisa possui riscos mínimos, pois não envolve procedimentos invasivos. As perguntas são simples, mas é possível que você sinta algum desconforto relacionado a questões psicológicas ou moral, neste caso você pode solicitar que interrompa a coleta de dados. Se você tiver alguma dúvida, você pode me ligar (11)96654-2828, ou perguntar por e-mail janaina.ihara@online.uscs.edu.br. Você poderá também ligar para o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (CEP-USCS) pelo telefone (11) 4239-3282 de segunda a sexta-feira, das 14h às 16h, ou enviar mensagem por e-mail: cep@online.uscs.edu.br.

Mas, com este estudo poderão acontecer coisas boas como melhorar nossas aulas de educação física.



Se quiser, você poderá saber os resultados da pesquisa. Para conhecer os resultados, basta você me ligar (11)96654-2828 ou enviar e-mail para janaina.ihara@online.uscs.edu.br. Os resultados poderão ser apresentados ou publicados em reuniões de pesquisadores (congressos) e revistas científicas (que são lidas por pesquisadores).

Você poderá baixar cópia deste documento em caso de interesse ou enviar mensagem direta para janaina.ihara@online.uscs.edu.br solicitando o mesmo. Recomendamos que você guarde uma cópia deste documento. Acesse este link [termo alunos.docx](#) para o seu download.

Você gostaria de participar da pesquisa?

Caso concorde e queira participar no estudo, você deverá clicar em "sim, li o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido e aceito participar da pesquisa". Caso você não concorde em participar, basta clicar em "Eu não quero participar da pesquisa".

Sim, li o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido e aceito participar da pesquisa.

Eu não quero participar da pesquisa.

Assinatura do menor

Assinatura do pai ou mãe ou responsável

Assinatura do(a) pesquisador(a)

ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)



REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Seu/Sua filho(a) está sendo convidado a participar de uma pesquisa. O título da pesquisa é "A compreensão dada pelo aluno do ensino médio às aulas de educação física". O objetivo desta pesquisa é identificar a compreensão que o aluno do ensino médio tem das aulas de educação física, O(A) pesquisador(a) responsável por essa pesquisa é Janaina Mayumi Oshiro Ihara, ele(a) é professora, de educação física, do Colégio Universitário USCS.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e lhe asseguro que o nome do seu/sua filho(a) não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-lo(a).

As informações serão obtidas da seguinte forma: questionário diagnóstico, diálogo durante as aulas que poderão ter o áudio gravado de maneira coletiva e observação atitudinal de cada estudante, como cada um irá se comportar perante a pesquisa. O armazenamento dos dados será de exclusividade da pesquisadora e ficará armazenado por no mínimo 90 dias após a finalização da pesquisa.

A duração desta pesquisa será em torno de dois meses. A participação do(a) seu/sua filho(a) pode causar riscos mínimos, pois não envolve procedimentos invasivos, cabe esclarecer que o participante tem o direito de não responder qualquer questão, sem necessidade de explicação ou justificativa para tal. Além disso, é possível ocorrer algum desconforto relacionado a questões psicológicas ou moral, neste caso o participante poderá solicitar que interrompa a coleta de dados. A participação pode ajudar os pesquisadores a entender melhor qual a percepção que os alunos do ensino médio possuem sobre as aulas de educação física e como torná-las mais motivantes.

A pesquisa segue as seguintes etapas: durante a primeira fase do projeto aplicaremos um questionário diagnóstico que irá abordar questões como significado da educação física, as experiências na área da educação física, a percepção sobre as aulas e o envolvimento dos estudantes nas aulas. Após responderem o questionário, iremos explicar o conceito de Planejamento Participativo.

Na segunda fase acontecerá a escolha do conteúdo que será trabalhado através de uma votação, nesta mesma fase faremos a divisão das funções de cada um, os estudantes irão escolher se querem fazer parte do grupo que irá realizar a atividade (prática), se querem fazer parte do grupo que irá planejar e pesquisar o conteúdo (teórica), ou alguma outra divisão que houver necessidade.

Na terceira fase, o grupo que ficou responsável pela parte teórica irá planejar a atividade com a mediação da professora, os estudantes trarão pesquisas sobre o conteúdo e através de uma discussão elaborarão uma atividade prática.

Na quarta fase iremos colocar em prática a atividade proposta, o grupo responsável em elaborar a atividade irá se subdividir e ministrar a aula e o grupo da prática irá executar a atividade proposta. No final da atividade, a professora-pesquisadora realizará uma roda de conversa para saber o que os estudantes acharam desta proposta pedagógica, se gostariam que as aulas fossem desta forma, o que eles acham que precisa melhorar...

Rubrica do(a) pesquisador(a)

Rubrica do(a) participante



Assim, você está sendo consultado sobre seu interesse e disponibilidade de autorizar seu/sua filho(a) a participar dessa pesquisa. Você é livre para recusar-se a autorizar, retirar seu consentimento ou interromper a participação do(a) seu/sua filho(a) a qualquer momento. A recusa em participar não acarretará nenhuma penalidade.

Você não receberá pagamentos pela autorização do participante. Se houver gastos com transporte ou alimentação, eles serão ressarcidos pelo(a) pesquisador(a) responsável. Todas as informações obtidas por meio da participação serão de uso exclusivo para esta pesquisa e ficarão sob a guarda do(a) pesquisador(a) responsável. Caso a pesquisa resulte em dano pessoal, o ressarcimento e indenizações previstos em lei poderão ser requeridos pelo participante. Os pesquisadores poderão contar para você os resultados da pesquisa quando ela terminar, se você quiser saber.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode entrar em contato com o(a) pesquisador(a) através do telefone (11)96654-2828, pelo e-mail janaina.ihara@online.uscs.edu.br.

Este estudo foi analisado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Municipal de São Caetano do Sul. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, visando garantir a dignidade, os direitos e a segurança de participantes de pesquisa. Caso você tenha dúvidas e/ou perguntas sobre os direitos do participante deste estudo, ou se estiver insatisfeito com a maneira como o estudo está sendo realizado, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (CEP-USCS), situado na Rua Santo Antonio, 50, 2º andar, São Caetano do Sul, CEP 09521-160, telefone (11) 4239-3282, de segunda a sexta das 14h às 16h, ou pelo e-mail cep@online.uscs.edu.br.

No caso de autorizar seu/sua filho(a) a fazer parte como participante, você e o pesquisador devem rubricar todas as páginas e também assinar as duas vias desse documento. Uma via é sua. A outra via ficará com o(a) pesquisador(a).

Consentimento do responsável

Eu, abaixo assinado, entendi como é a pesquisa, tirei dúvidas com o(a) pesquisador(a) e autorizo meu/minha filho(a) a participar, sabendo que ele/ela pode desistir em qualquer momento, durante e depois de participar. Autorizo a divulgação dos dados obtidos neste estudo mantendo em sigilo a identidade dos participantes. Informo que recebi uma via deste documento com todas as páginas rubricadas e assinadas por mim e pelo(a) Pesquisador(a) Responsável.

Nome do(a) responsável: _____

Assinatura: _____ local e data: _____

Declaração do pesquisador

Rubrica do(a) pesquisador(a)

Rubrica do(a) participante

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (CEP-USCS)
Rua Santo Antonio, 50 - 2º andar, São Caetano do Sul (SP), CEP: 09521-160
Tel: (11) 4239-3282 e-mail: cep@online.uscs.edu.br



Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária, o Consentimento Livre e Esclarecido do representante legal do participante para participação neste estudo. Declaro ainda que me comprometo a cumprir todos os termos aqui descritos.

Nome do(a) Pesquisador(a): Janaina Mayumi Oshiro Ihara

Assinatura: _____ Local/data: _____

Rubrica do(a) pesquisador(a)

Rubrica do(a) participante

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (CEP-USCS)
Rua Santo Antonio, 50 - 2º andar, São Caetano do Sul (SP), CEP: 09521-160
Tel: (11) 4239-3282 e-mail: cep@online.uscs.edu.br

ANEXO C – TERMO DE ANUÊNCIA



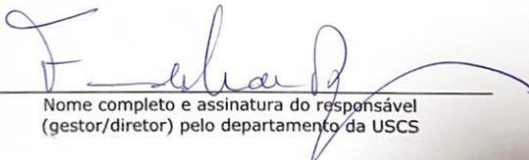
TERMO DE ANUÊNCIA

Aceito os(as) pesquisadores(as) Janaina Mayumi Oshiro Ihara da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS), para desenvolver a pesquisa intitulada **A COMPREENSÃO DADA PELOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO ÀS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**, sob orientação de Prof^o. Dr. Ivo Ribeiro de Sá.

Ciente dos objetivos e metodologia da pesquisa supra mencionada, concedo a anuência para o seu desenvolvimento, desde que me sejam assegurados os requisitos abaixo relacionados:

- O cumprimento das determinações éticas da Resolução CNS 466/2012.
- A garantia de solicitar e receber esclarecimentos antes, durante e depois de desenvolvimento da pesquisa.
- Não haverá nenhuma despesa para esta instituição que seja decorrente da participação dessa pesquisa.
- No caso de não cumprimento dos itens acima, a liberdade de tirar a minha anuência a qualquer momento da pesquisa sem penalização alguma.

São Caetano do Sul, 08 de Abril de 2024.



Nome completo e assinatura do responsável
(gestor/diretor) pelo departamento da USCS

Fernando L. M. de Souza
Diretor

ANEXO D – VÍNCULO DA INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE



Vínculo da Instituição Coparticipante

A Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS), na condição de proponente, vem formalmente através deste Instrumento de Compromisso convidar sua instituição, na condição de coparticipante, para formar uma parceria para o desenvolvimento do projeto de pesquisa que está descrito em detalhes abaixo.

1. Identificação da instituição proponente da pesquisa:

Razão Social: Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS)
 CNPJ: 44.392.215/0001-70
 Endereço: Rua Santo Antônio, 50 – 2º andar.
 Bairro: Centro
 Cidade/UF: São Caetano do Sul/SP CEP: 09.521-160
 Telefone: (11) 4239-3282
 E-mail: cep@online.uscs.edu.br
 Representante da Instituição: Ivo Ribeiro de Sá Cargo: Professor

2. Identificação da instituição coparticipante da pesquisa:

Razão Social: Colégio Universitário USCS
 CNPJ: 44.392.215/0001-70
 Endereço: Rua Conceição 321 Bairro: Santo Antônio
 Cidade/UF: São Caetano do Sul/SP CEP: 09530060
 Telefone: (11) 4227-7801
 Representante da Instituição: Fernando Luiz Monteiro de Souza Cargo: Diretor

3. Dados da pesquisa:

- a. Título do Projeto: A compreensão dada pelos alunos do ensino médio às aulas de educação física.
- b. Curso: Mestrado em educação
- c. Projeto: Unicêntrico Multicêntrico
- d. Patrocinador: _____
- e. Pesquisador responsável: Janaina Mayumi Oshiro Ihara CPF: 351.867.818-35
- f. Coautor(es): Ivo Ribeiro de Sá
- g. Colaborador(es): _____

4. Objetivo da pesquisa:

Identificar a compreensão que os alunos do ensino médio possuem sobre as aulas de educação física.
 Identificar as representações sociais que os alunos possuem das aulas de educação física.
 Verificar as percepções dos estudantes sobre o que influencia a participação nas aulas de educação física.

5. Descrição detalhada dos procedimentos a serem realizados na instituição proponente e na instituição coparticipante:

A pesquisa será realizada com duas turmas de 1º ano do ensino médio, a primeira parte será um formulário para saber os conhecimentos prévios sobre a educação física e como é a participação dos alunos nas aulas de educação física.

Universidade Municipal de São Caetano do Sul

www.uscs.edu.br @ uscsocial f uscsonline

Campus Barcelona: Av. Goiás, 3.400 - Bairro Barcelona | São Caetano do Sul - SP | Campus Centro: Rua Santo Antônio, 50 - Centro | São Caetano do Sul - SP
 Campus Conceição: Rua Conceição, 321 - Bairro Santo Antônio | São Caetano do Sul - SP | Campus Pólo Lato: Rua Manoel Coelho, 600 (6º andar) - Centro | São Caetano do Sul - SP
 Campus São Paulo: Rua Treze de Maio, 681 - Bairro Bela Vista | São Paulo - SP



A segunda parte será a explicação sobre o currículo participativo.

A terceira parte será a aplicação deste currículo participativo, onde os alunos irão propor conteúdos para as próximas aulas de educação física e serão escolhidos por meio de uma votação 2 temas.

A quarta parte será a prática desses temas, nesse momento os alunos irão planejar, elaborar e pesquisar os conteúdos, os alunos serão divididos em grupos e cada grupo será responsável por uma parte do trabalho. A professora irá mediar todas as etapas propostas, ajudando no que for necessário.

Antes de iniciar estes procedimentos, irei analisar a participação e interação dos alunos nas minhas aulas, por meio de anotações e gravações. Durante todo o processo dessa atividade, também irei observar o engajamento dos alunos.

É importante ressaltar que as competências e habilidades propostas no planejamento serão atendidas por meio deste projeto.

6. Compromissos das instituições proponente e coparticipante:

- a. Encaminhar o projeto de pesquisa, o termo de consentimento livre e esclarecido dos participantes, o termo de compromisso da instituição coparticipante e demais documentos para apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (CEP-USCS).
- b. Iniciar a pesquisa somente após a data de aprovação do projeto pelo CEP-USCS.
- c. Conduzir o protocolo de acordo com os princípios enunciados nas Resoluções nº. 466/12, nº. 510/16, nº 563/17 e nº. 580/18 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.
- d. Informar aos participantes da pesquisa sobre os objetivos do estudo, os procedimentos adotados e os riscos do protocolo.
- e. Dispor de infraestrutura adequada para garantir a segurança e o bem-estar dos participantes da pesquisa.
- f. Aceitar os participantes da pesquisa somente após sua assinatura no termo de consentimento livre e esclarecido.
- g. Não transferir nenhum tipo de despesa pessoal incluindo transporte, exames e consultas aos participantes da pesquisa. Todas as despesas deverão ser absorvidas pelo orçamento da pesquisa.
- h. Não compensar financeiramente os participantes da pesquisa em função de sua participação nesse projeto.
- i. Assegurar que todas as informações pessoais dos participantes obtidas durante a pesquisa serão consideradas estritamente confidenciais e que os registros estarão disponíveis apenas para os pesquisadores envolvidos no estudo.
- j. Se for o caso, publicar com fins científicos os resultados obtidos nessa pesquisa mantendo a identidade dos participantes em sigilo.
- k. Assegurar que imagens ou fotografias que possam ser realizadas se forem publicadas, não permitam a identificação dos participantes da pesquisa.

7. Declaração da instituição coparticipante:

Fui informado verbalmente e por escrito sobre os dados dessa pesquisa e minhas dúvidas com relação à coparticipação da instituição que represento foram satisfatoriamente respondidas.

Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, os desconfortos e riscos e as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes aos participantes da pesquisa.



A minha assinatura neste termo garante o compromisso da instituição que represento com as responsabilidades pertinentes na coparticipação desse projeto de pesquisa.
Assino o presente documento em duas vias de igual teor e forma, ficando uma em minha posse.

São Caetano do Sul, 21 de março de 2024

Ana Luiza M. Apolinário

Assinatura e Carimbo do Pesquisador Responsável
Universidade Municipal de São Caetano do Sul
Instituição Proponente



Fernando L. M. de Souza

Assinatura e Carimbo do Representante Responsável
(Razão Social da Instituição)
Instituição coparticipante

Fernando L. M. de Souza
Diretor